

# **experimentação ensaios**

**CADERNOS INÚTEIS DA CASA DE GESTALT**

***A vivência do sentido ontológico da  
inutilidade amalgama-se com a vivência da  
dramática da ação, do desdobramento do  
possível, da possibilidade, da criação.  
Como condito sine qua non da ação  
compreensiva e muscullativa. Da  
criatividade, da poiese.  
Da existência.***

***O presente caderno é um núcleo temático  
de nossa produção. Contém erros formais  
na sequência dos ensaios, duplicatas, que  
serão corrigidos nas próximas versões.  
Igualmente orientará a produção de  
ensaios sobre o tema.***

<b>1. O Experimental em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial PERSPECTIVAÇÕES ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL 1</b> .....	4
<b>2. PERSPECTIVAÇÕES ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL 2</b> <i>A Experimentação Psicológica e o Experimental na Tradição da Psicologia Fenomenológica Empírica de Brentano</i> .....	9
<b>3. PERSPECTIVAÇÕES ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL 3</b> <i>PERSPECTIVAÇÃO EM NIETZSCHE A Experimentação no Estilo Afirmativo Experimental de uma Vida Que Experimenta</i> .....	25
<b>4. A Experimentação Fenomenológico Existencial em Gestalt Terapia</b> .....	55

# 1. O Experimental em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial PERSPECTIVAS ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL 1

*O homem aprende que viver significa  
ousar, e a vida torna-se possível como  
experiência.  
Eugen Fink*

*Devolver à existência a sua  
independência, a sua indeterminação e,  
por conseguinte, o seu caráter de  
empreendimento audacioso.  
Eugen Fink*

Para o desenvolvimento da concepção e prática, e para o esclarecimento, das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais -- para fazermos jus ao trabalho de seus pioneiros, e aqui me refiro particularmente à Gestalterapia e à Psicologia Centrada na Pessoa --, parece da maior importância resgatar e desdobrar no âmbito de seus contextos particulares as noções especificamente fenomenológicas e existenciais de **Experimentação** e de **Interpretação**. Estas noções aparentemente subjazem de um modo muito importante e central à fundamentação filosófica, concepções e métodos destas abordagens. Ainda que eventualmente não tenham sido desta forma explicitadas. Podemos dizer, e certamente é interessante que digamos, que estas são abordagens especificamente *experimentais*. Ainda que isto nem sempre fique muito claro, e nem sempre tenha sido devidamente explicitado por seus pioneiros.

Num outro trabalho\*, abordei a questão da *interpretação*. Quero aqui, experimentalmente, tecer algumas reflexões, e oferecer algum material, com relação a uma compreensão entre nós da concepção de *Experimentação*.

\***DA FONSECA, Afonso H L - O SENTIDO DO INTERPRETATIVO EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL.** Maceió, Pedang, 1998. (Na Internet:  
<http://www.terravista.pt/fernoronha/1411/interpretacao.htm> 3

Duas vertentes de constituição da noção fenomenológico existencial de *experimentação* de que carecemos parecem interessantes. Duas vertentes relativamente diferenciadas no seu desenvolvimento histórico e conceitual, mas que se tocam. Elucidar a comunidade de onde estas vertentes poderiam ter emergido, e o sentido desta raiz, parece ser um interessante e rico desafio para psicólogos e psicoterapeutas fenomenológico existenciais. Elucidar, em particular, a concepção da filosofia e da psicologia como empirismos fenomenológicos da consciência, ciências naturais fenomenológico existencialmente experimentais.

Uma dessas vertentes, é oriunda especificamente da Fenomenologia e da Psicologia Fenomenológica: da tradição de Brentano. A outra germina e desenvolve-se no âmbito da Filosofia da Vida de F. Nietzsche. Estas abordagens são naturalmente diferentes e irreduzíveis, cada uma com as suas particularidades. Mas não seria exato se não admitíssemos que elas também importantemente se aproximam, que elas têm importantes e interessantes parentescos. Histórica e conceptualmente, Brentano e Nietzsche se aproximam. São cronologicamente contemporâneos, geográfica e culturalmente contemporâneos. Quero crer que, mais que isto, compartilham perspectivas epistemológicas profundas, oriundas das perspectivas dos filósofos pré-socráticos, do empirismo aristotélico, e do reflorescimento da filosofia de Aristóteles no século XIX, como dimensão fundamental dos confrontamentos das perspectivas alternativas com a predominância do Idealismo, na Alemanha. O sentido da vertente que provém da tradição de Brentano, ainda que negligenciado, é, evidentemente, fundamental para a concepção e método, experimentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Em particular, na sua contraposição alternativa à noção objetivista, organicista e mecanicista de *experimentação* da Psicologia Experimental. A contribuição da tradição de Brentano é desta forma fundamental na elucidação da natureza específica destas abordagens fenomenológico existenciais e, em particular, dos conflitos e distorções que elas desenvolveram, a partir da sua elaboração e crescimento no meio objetivista e pragmático da cultura Norte Americana.

É importante notar, pois, que Brentano e os seus seguidores, aí incluídos, naturalmente, os pioneiros da Psicologia da Gestalt, cuidam do desenvolvimento de uma perspectiva especificamente fenomenológica do *experimento*, da *experimentação*, do *experimental*, em psicologia; para contrapor-se, exatamente, à perspectiva experimental fisiologista, mecanicista, psicofísica de Wundt, nos seus estudos da consciência e no desenvolvimento de sua Psicologia Experimental. Na verdade eles cuidam de criticar o experimentalismo caracteristicamente wundtiano, e de desenvolver uma abordagem da consciência e dos fenômenos psíquicos mais compatível com a natureza destes, abrindo espaço para uma concepção e contextualização especificamente fenomenológica do experimental em psicologia. Ora, é exatamente a concepção psicológica de Wundt que prospera no meio da cultura norte americana, assim como prosperara em todo o mundo, a despeito do desenvolvimento igualmente contemporâneo da psicologia de raiz fenomenológica. Algum tempo depois, é a própria semente da Fenomenologia de Brentano, através da influência da Psicologia da Gestalt, da psicoterapia fenomenológico existencial que vai ser plantada neste meio. Psicologias de raiz europeia, e desdobradas nos EUA por um Maslow, por um Rollo May, por um Rogers, por um Perls, e outros...

Se entendemos a dualidade da existência, em termos da concepção de experimentação e do experimental (1) de uma concepção especificamente fisiologista

e mecanicista, e (2) de uma perspectiva especificamente fenomenológica e existencial, e entendemos o amplo predomínio da primeira no meio da psicologia e da cultura norte americanas, não é difícil entender como a concepção fenomenológica e existencial do experimento e do experimental foi sendo, desde o início, e até os dias de hoje, mesclada, confundida, distorcida, substituída, pela concepção fisiologista e mecanicista, com a conseqüente perda de originalidade e de substância especificamente fenomenológica e existencial das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Coadjuvado todo este processo pela forte influência do Comportamentalismo no âmbito da Cultura da Psicologia Norte Americana. Um momento particularmente curioso, e lametável, deste processo é quando Perls<sup>1</sup> e outros grandes gestalterapeutas norte americanos<sup>2</sup> criam uma "figura" no mínimo curiosa do ponto de vista da epistemologia e da filosofia da vida, quando entendem a Gestalterapia como um "*comportamentalismo fenomenológico*"... Estavam, acredito, cedendo a pressões culturais e acadêmicas, e fazendo concessões, inadmissíveis, de um ponto de vista da epistemologia e de filosofia da vida de onde emergia a sua abordagem.

<sup>1</sup> PERLS, F .....in FAGAN, SHEPARD, GESTALTERAPIA. TEORIA, TÉCNICAS E APLICAÇÕES.

<sup>2</sup> Cf. ZINKER, Joseph - THE CREATIVE PROCESS IN GESTALTHERAPY, pp.

Seduzidos, possivelmente, pela a idéia da *modificação de comportamento*, inerente à prática do comportamentalismo, em sua crítica a modelos idealistas, mas negligenciando que a *mudança paradoxal*, que desdobra-se através da prática da experimentação e da interpretação fenomenológico existenciais gestálticas é, especificamente, *modificação de comportamento*, não de cunho comportamentalista, mas de cunho especificamente fenomenológico existencial. Seria, talvez necessário que se desdobrassem todos os Anos 60, e a experimentação do desenvolvimento da Gestalterapia, para que ficasse claro o sentido especificamente fenomenológico existencial da mudança comportamental em Gestalterapia e em Psicoterapia Centrada na Pessoa, e a diferenciação deste sentido do antigo sentido comportamental. Temos a argumentar a favor dos pioneiros o fato de que, não obstante propugnarem pelo desenvolvimento de abordagens fenomenológico existenciais, conheciam muito pouco de Fenomenologia, que era então escassamente conhecida no meio da Psicologia.

Neste sentido, a Gestalterapia e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais não têm muito a aprender como comportamentalismo, e têm muito a perder com a confusão e distorção de seus eixos epistemológicos e axiológicos. A concepção especificamente fenomenológica e existencial de *experimentação* é tão vitalmente fundamental para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, que a sua distorção configura, a meu ver, uma irreparável degeneração de seu núcleo conceitual e prático. E é este processo que temos em muito vivenciado no que concerne à concepção e prática dessas abordagens. Parece interessantemente prioritário, assim, elucidar, definir, resgatar e afirmar, esta concepção. Daí a importância de resgatarmos e afirmarmos a crítica brentaniana da experimentação da Psicologia Experimental, e resgatarmos as bases que ele desenvolve de uma noção especificamente fenomenológica, de *experimentação*, assim como as suas concepções e enfoques metodológicos no trato com a consciência e com os processos psíquicos. 5

A outra vertente de concepção da noção fenomenológico existencial de *experimentação* é a vertente com que somos brindados pela Filosofia da Vida de Friedrich Nietzsche, e que configura-se no seu perspectivismo e na sua perspectatividade, perspectivismo e perspectatividade, característicos e fundamentais, da verdade e dos valores.

Não podemos afirmar com precisão em que ou onde, a perspectiva que eclode na concepção brentaniana compartilha origens com a perspectiva que emerge na filosofia de Nietzsche. Seria interessante elucidar a questão. É interessante observar neste sentido que, como em Nietzsche, todos os pioneiros da Psicologia Fenomenológica, além de raízes fincadas na filosofia, tinham raízes consistentemente deitadas na arte, e em especial na música. Assim era o caso de Hermann Lotze (1817- 1881), de Franz Brentano (1838-1917), de Carl Stumpf (1848-1936), Christian von Ehrenfels (1859-1932) e outros, que, invariavelmente, utilizavam a perspectiva musical ou artística como fundamental referência em seus estudos, ou eram eles mesmos artistas, além de filósofos e/ou psicólogos. A arte, e a música em particular, adquirem, como sabemos, um lugar supremo na vida e na perspectiva e perspectatividade experimental nietzscheana.

A Filosofia de Nietzsche, e, evidentemente, a sua noção de *experimentação*, perspectivação e perspectatividade, são igualmente rejeitadas, de um modo geral, no âmbito da cultura e da psicologia norte americanas. Esta rejeição decorre de fatores culturais, em especial decorrentes de conflitos da cultura anglo-saxã e judaica com a cultura germânica, e da cultura anglo-saxã com a cultura da Europa continental. Decorre, em particular, de conflitos religiosos destas culturas com a filosofia da vida de Nietzsche, de cunho fortemente anti-religioso e crítico da tradição religiosa de nossa Civilização Ocidental.

Sabemos que a cultura norte americana, e sua psicologia, são fortemente marcadas pela perspectiva religiosa. Ora, é exatamente neste meio que vai desenvolver-se a semente de uma psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais --, profundamente marcadas nas suas origens e inspiração original pela influência da *experimentação* perspectivativa, característica exatamente da filosofia da vida de Nietzsche, filosofia não religiosa e anti religiosa. De modo que esta concepção nietzscheana de *experimentação*, e a influência de Nietzsche vão ser fortemente rejeitadas, às vezes a um nível fóbico, por amplos segmentos da psicologia e psicoterapia norte americanas. Inclusive, passemos, por segmentos da própria psicologia e psicoterapia de raiz fenomenológico existencial que então se desenvolve, e busca, ainda hoje em dia, desenvolver-se... Psicologia esta desenvolvida importantemente a partir do perspectivismo e das perspectavações nietzscheanas. A influência de Nietzsche, e em especial a sua concepção de *experimentação*, seu perspectivismo e a sua *perspectatividade*, são fundamentais e centrais para a concepção, método, e promoção dos efeitos, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Escamoteá-los significa escamotear fundamentos da originalidade destas abordagens. Ainda hoje, amplos segmentos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial norte americanas tentam fazer isto; e desta forma buscam a perseguição um fantasma, que seria a concepção destas abordagens sem o concurso da noção nietzscheana de *experimentação*, sem o seu perspectivismo, sem a sua perspectatividade, sem a sua genealogia, sem a sua transvaloração, sem a sua filosofia da vida.

A nosso ver, a intuição dos pioneiros destas abordagens foi profundamente marcada pela influência destas noções e perspectivas nietzscheanas, ainda que, por problemas e limitações próprias e por problemas e limitações próprios do seu tempo, 6

não tenham eles explicitado adequadamente e desdobrado conceitualmente estas noções no âmbito de suas concepções.

As perspectivas nietzscheanas chegavam-lhes de todos os lados, e de um modo muito interessante e forte. Seja pela disseminação da filosofia do *Fritz Nietzsche*, no âmbito da filosofia, da psicoterapia, da psicologia; seja pelos efeitos que esta produzia no meio intelectual em que viviam; ou, particularmente, no meio artístico, como a sua poderosa influência, sobre o Expressionismo, que exerceu, por sua vez, uma influência decisiva sobre os psicólogos da Gestalt, e, em especial, sobre o *outro Fritz*, o Fritz Perls.

Cumpre-nos, acredito, não aderir à perseguição e tentativa da criação de fantasmas, mas resgatar a intuição original dos pioneiros, e livres de amarras, problemas e distorções suas e de seu tempo, que lhes tolham, dispondo de conhecimentos e instrumentos de que eles não dispunham, cumpre-nos desdobrar e explicitar adequadamente o cunho especificamente *fenomenológico existencial experimental* das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

## 2. PERSPECTIVAS ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL 2

### ***A Experimentação Psicológica e o Experimental na Tradição da Psicologia Fenomenológica Empírica de Brentano***

“... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha ‘veracidade’” (F. Nietzsche)

Parece fundamental recorrer à contribuição de Franz Brentano (1838-1917) para uma compreensão, explicitação e diferenciação do sentido especificamente fenomenológico existencial do *experimento*, da *experimentação* e do *experimental* em psicologia e psicoterapia. São as concepções de Brentano que permitem uma refutação da concepção do experimental em psicologia derivada das perspectivas fisiologistas e mecanicistas de W. Wundt, ao mesmo tempo em que fundam uma concepção alternativa de método psicológico, e de psicologia científica, de cunho fenomenológico, e lança as bases de uma concepção especificamente fenomenológica do experimento, do experimental e da experimentação em psicologia. De especial interesse é o próprio empirismo aporético de Brentano como um método que pode ser em si entendido como um método experimental, no sentido fenomenológico existencial.

De início, no entanto, é importante observar que, de fato, a contribuição de Brentano centra-se, justamente, na contestação e na refutação do *experimento* e do *experimental* em psicologia, e na contestação e refutação da própria psicologia *experimental*, tal como eles foram concebidos e praticados na tradição de Wilhelm Wundt. De modo que a proposta de Brentano não é exatamente a da experimentação em psicologia, mas a de uma psicologia que, ao invés de *experimental*, é especificamente *empírica* e *aporética*, na perspectiva da ciência natural da tradição hipocrático aristotélica. Psicologia esta na qual desaguava, para Brentano, a própria Filosofia<sup>1</sup>. Ocorre que este empirismo aporético de Brentano parece ser, em si, uma abordagem fenomenológica experimental. Esta psicologia que Brentano inaugura, que é

um empirismo fenomenológico, um empirismo da consciência, permite com as suas concepções, assim, a redefinição, a re contextualização da noção de experimentação, e a fundamentação da experimentação de cunho especificamente fenomenológico em psicologia.

Um aspecto que parece um dos mais interessante para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial é que, ao mesmo tempo, o próprio empirismo aporético de Brentano aplicado à consciência como método fenomenológico existencial *especificamente experimental*, parece intimamente aparentado ao método experimental perspectivativo de Nietzsche. De modo que estas duas vertentes fundamentais da concepção do experimental num sentido fenomenológico existencial compartilhariam raízes bastante próximas.

Por *empirismo* podemos entender a abordagem da realidade sem pré-concepções, a partir de sua vivência imediata:

*Empírico: (...) O que é um resultado imediato da experiência e não se deduz de nenhuma outra lei ou propriedade conhecida. Diz-se igualmente das pessoas enquanto os seus conhecimentos e as suas regras de ação são empíricas.*

*(...) O que exige o concurso atual da experiência, como a física, em oposição ao que não exige, como as matemáticas*

*(...) Empirismo: Nome genérico de todas as doutrinas filosóficas que negam a existência de axiomas enquanto princípios do conhecimento logicamente distintos da experiência.*

*(...) Empirismo representa muito bem o hábito ou a maneira de proceder de um espírito que se contenta com a experiência.<sup>2</sup>*

<sup>2</sup> LALANDE, André - **VOCABULÁRIO TÉCNICO E CRÍTICO DA FILOSOFIA**, São Paulo, Martins Fontes, 1999. p.300.

<sup>3</sup> LIBARDI, Massimo - *Franz Brentano (1839-1917)* in ALBERTAZZI, Lilian pp.35-6

A particularidade da abordagem de Brentano é que, entendendo a Filosofia e a Psicologia como ciências naturais, ele resolve abordá-las empiricamente. Como a Psicologia é para ele o estudo da consciência, ele trata de abordar empiricamente a consciência, constituindo assim a perspectiva fenomenológica.

A respeito do empirismo da consciência e das articulações entre Filosofia e psicologia, próprios à perspectiva brentaniana em filosofia e psicologia, Massimo Libardi<sup>3</sup> observa:

*A característica fundamental da nova disciplina que Brentano buscou desenvolver foi a sua conceptualização empírica. Ele de fato sustentou que não se poderia dar uma nova fundamentação para a filosofia a menos que o seu método tenha sido adaptado (na verdade tornado idêntico) ao método das ciências naturais. Em particular a filosofia deveria começar com a psicologia , cujo método <sup>4</sup>*

era aparentado com o das ciências naturais e cujo conteúdo era co-extensivo com aquele da filosofia.

O que Brentano assim propunha era uma abordagem *empírica* e *aporética* da psicologia, da filosofia, uma abordagem empírica e aporética da consciência. Ou seja uma abordagem imediata da realidade e da consciência em seus desdobramentos, a partir de sua própria experiência, sem a mediação da consciência conceitual, teorizante, ou de pré concepções. Uma abordagem que valorizava a emergência do vivido da diferenciação e da multiplicidade que se impõem, como estratégia de conhecimento, evitando que este se cristalizasse em perspectivas dogmáticas e unilaterais. A aporese caracteriza-se como uma atitude que busca levar um conhecimento aos seus limites, e abrir-se, então, ao conhecimento que a ele se contrapõe ou que é a ele alternativo.

Assumindo estas perspectivas epistemológicas e metodológicas, a contribuição de Brentano é fundamental, na medida, em particular, em que resgata a psicologia, e em específico a abordagem da consciência, do descaminho fisiologista, mecanicista, wundtiano. E no sentido de que define os referenciais fenomenológico existenciais *empíricos* e *aporéticos*, conceituais e metodológicos, da nova ciência psicológica, permitindo uma recontextualização e uma redefinição da questão do experimento e da experimentação em psicologia, e concebendo novas e alternativas bases para a sua prática.

Na verdade, Franz Brentano definiu e engendrou na filosofia, e na psicologia, uma clivagem e uma tradição fundamentais, que ganham cada vez mais importância. Esta tradição deságua na própria constituição específica da Fenomenologia, da Psicologia da Gestalt, da Psicologia Humanista, e da Filosofia Crítica do Círculo de Viena... Conhecer a tradição de Brentano, a história de Brentano e suas concepções, a história de sua tradição, é conhecer aspectos distintivos e fundamentais, imprescindíveis, da fenomenologia, da psicologia, e, em particular, da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Parece ser fundamental, como observamos, para uma elucidação do sentido definidamente *experimental* desta. Em particular na contraposição deste sentido ao sentido do *experimento* e do *experimental* vigente na psicologia em geral, em particular na psicologia experimental e na psicologia comportamental. Tudo isto em função do fato de que a psicologia fenomenológica de Brentano inaugura dentro da Psicologia Moderna toda uma perspectiva alternativa de concepção dos fenômenos psíquicos, de concepção da psicologia e da ciência psicológica, e de concepção de método em psicologia.

Podemos arrolar, na tradição de Brentano (1838-1917), como contemporâneos e o como descendentes: Hermann Lotze (1817-1881), Ernest Mach (1839-1916), Von Helmholtz (1821-1894), Christian Von Ehrenfels (1859-1932), Karl Stumpf (1848-1936), Edmund Husserl, Martin Heidegger (1889-1969), Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941), Wolfgang Köhler (1887-1949), Kurt Goldstein, M. Merleau Ponty, Ludwig Binswanger, Medrard Boss, Abraham Maslow (1908-1970), Fritz Perls, Carl Rogers (1902-1987) e 5

outros. De destacar é a frequente vinculação com a arte, em particular com a música, dos pioneiros desta tradição, e o uso que fazem da música em seus estudos e argumentações. Postura igualmente cara à perspectiva de F. Nietzsche. Wilhelm Wundt (1832-1920) é considerado normalmente não só o pai da psicologia *experimental* como o próprio pai da psicologia científica, a partir dos intensos e dedicados trabalhos que desenvolveu em seu Laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig, na Alemanha. Seu livro fundamental e influente, *Grundzüge der physiologischen Psychologie (Princípios de Psicologia Fisiológica\*)*, teve o seu lançamento em duas partes, nos anos de 1873 e 1874.

\* O termo "fisiológico", na época, significava eninentemente *experimental*. Cf. SCHULTZ, Duane P. e SCHULTZ, Sydney E. **HISTÓRIA DA PSICOLOGIA MODERNA**. São Paulo, Cultrix, 1981.

<sup>4</sup> Schultz

<sup>5</sup> Schultz

Exatamente no mesmo ano de 1874<sup>5</sup>, Franz Brentano lança o seu livro fundamental, *Psychologie von Empirischen Standpunkte (Psicologia do ponto de vista empírico)*. O livro de Brentano contém críticas radicais a concepções e perspectivas de Wundt. Em particular a sua concepção de consciência e dos processos psíquicos, ao seu método, a sua concepção de Psicologia e de ciência psicológica. De fato, como vimos, o livro de Brentano contém toda uma concepção de consciência e dos processos psíquicos, de psicologia e de ciência psicológica, assim como de método destas, derivados da tradição aristotélica. De modo que Brentano abre uma alternativa no que se entendia e se entende como a psicologia científica, profundamente identificada esta, em suas raízes, com a fisiologista e mecanicista perspectiva wundtiana.

Wundt produz intensamente, acolhe discípulos que participam de seus estudos no Laboratório de Leipzig, discípulos estes que haverão de disseminar as suas concepções na América, em particular nos EUA, na Europa e na Ásia.

Menos tecnológicas, menos fisiologistas e organicistas, as premissas e perspectivas de Brentano permanecem num segundo plano. Ao mesmo tempo em que fomentam, definitivamente, o desenvolvimento de abordagens alternativas e fundamentais, tanto na Filosofia quanto na Psicologia. As concepções de Brentano ensejam o desenvolvimento da Fenomenologia e da Filosofia Crítica, no âmbito da Filosofia, ao mesmo tempo em que ensejam o desenvolvimento da Psicologia e da Psicoterapia Fenomenológica, a partir, principalmente, do desenvolvimento da Psicologia da Gestalt, que redundando no desenvolvimento da Psicologia Organísmica de Kurt Goldstein, e da Psicologia Humanista, em grande parte esta a partir das influências exercidas sobre Abraham Maslow pelos psicólogos da Escola da Gestalt. Assim, como dissemos, entender a clivagem e a alternativa que Brentano constitui com relação às concepções e à abordagem de Wundt, configura-se como um momento fundamental da compreensão da especificidade destas abordagens, em especial do sentido do caráter específica e decididamente experimental da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. 6

É necessário mencionar um pouco mais a Wundt para permitir uma compreensão adequada da diferenciação do sentido do *experimental* nas psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Wundt trabalhou incansavelmente em seu laboratório de psicologia experimental, no sentido do desenvolvimento de uma Psicologia Científica. Para ele<sup>6</sup>, a *consciência* era o objeto de estudo da Psicologia, de modo que dedicou-se ao estudo sistemático da consciência. Apesar de professor também de Filosofia, Wundt vinha em grande parte da Fisiologia e da química, suas perspectivas configuravam-se como expressão do apogeu do modelo fisiologista e mecanicista, e Wundt terminou por utilizar as perspectivas epistemológicas da Fisiologia e da Química no estudo da consciência<sup>7</sup>.

<sup>6</sup>.

<sup>7</sup>

<sup>8</sup>

Para ele, a consciência era basicamente constituída por seus *conteúdos* sensoriais *elementares*. De modo que o estudo da consciência era para ele o estudo analítico elementar dos **conteúdos** sensoriais da consciência e dos modos como eles se associariam. E ele dedicou-se em suas pesquisas no Laboratório de Psicologia Experimental de Leipzig a decompor analítica e redutivamente a consciência, no sentido de chegar aos e estudar os seus *conteúdos* sensoriais elementares.

Para tal perspectiva de estudo, adotada por seu laboratório de Psicologia Experimental, Wundt adotou a *introspecção* como o seu método fundamental. Com a utilização de sujeitos treinados, que, seguindo normas estritas, observavam e analisavam a sua própria consciência relativa a um dado objeto de pesquisa, um dado *conteúdo* de consciência, e relatavam para o pesquisador as suas observações, sempre numa perspectiva analítica, de busca de apreensão dos *elementos* últimos de conteúdo.

Na concepção de Wundt, os *elementos* sensoriais associar-se-iam na composição da consciência. Wundt assumiu assim a perspectiva dos Associacionistas, ainda que houvesse entendido que a mente, apesar de associacionista, tinha um papel mais criativo na constituição da consciência do que teriam admitido os Associacionistas tradicionais<sup>8</sup>.

Brentano vinha da Filosofia. Era um grande especialista em Filosofia, em especial em Filosofia antiga e em Filosofia Medieval. Foi padre mas abandonou o sacerdócio, quando o Concílio Vaticano de 1870 estabeleceu o dogma da infalibilidade papal. Foi muito para a cabeça filosófica de Brentano, e ele abandonou a vida religiosa. Havia se dedicado ao estudo e era um grande especialista na Filosofia de Aristóteles. Herda desta filosofia uma certa concepção de ciência e de método *empíricos*. Entende a Filosofia e a Psicologia como ciências naturais, e é exatamente o método de Aristóteles aplicado às ciências naturais que ele assume e aplica à Filosofia, e à psicologia. De modo que busca assim aplicar à consciência a metodologia empirista das ciências naturais. <sup>7</sup>

Pode ser problemático admitir uma herança empirista aristotélica nas concepções e posturas de Brentano, em função da filiação platônica de Aristóteles. Para tal, para entender a influência específica de Aristóteles sobre Brentano, é certamente interessante entender que Aristóteles era ambíguo<sup>9</sup> em sua perspectiva filosófica e metodológica. Situava-se na perspectiva socrático platônica, ao mesmo tempo em que mantinha uma perspectiva decididamente *empirista*.

<sup>9</sup>

<sup>10</sup>

<sup>11</sup> .

<sup>12</sup> Morrall,

<sup>13</sup> Morrall, p.76

Nascido em Estagira, nas cercanias da Macedônia, e muito antes de entrar para a *Academia* socrático platônica, em Athenas, Aristóteles aprendeu o empirismo e o relativismo característicos da tradição médica de Hipócrates: seu pai era médico, e praticava a medicina dentro dos referenciais da tradição hipocrática<sup>10</sup>, e Aristóteles convivera e estudara, desde cedo em sua vida, com o círculo médico de seu pai. Hipócrates<sup>11</sup> buscava abandonar qualquer explicação abstrata e geral no estudo dos fenômenos, buscando ater-se ao comportamento observável destes, e às previsões baseadas neste conhecimento empírico. De modo que Hipócrates conservava uma perspectiva eminentemente empirista de valorização do conhecimento provido pela experiência. Neste sentido, é a perspectiva dos Sofistas que vem a constituir-se na perspectiva de Hipócrates.

Associado a esta perspectiva empirista, também assumindo uma perspectiva própria dos Sofistas<sup>12</sup>, os hipocráticos assumiam uma perspectiva eminentemente relativista para com os fenômenos, e, em particular, naturalmente, com relação à saúde. Para eles, nada é absolutamente bom ou absolutamente mau em termos de saúde. O mesmo relativismo dos Sofistas aplica-se igualmente ao conhecimento, de modo que o conhecimento e sua aplicação não dependem de normas absolutas, mas de imperativos situacionais enfrentados tanto pelos indivíduos humanos como pelos grupos sociais.

*"Górgias, o outro principal sofista do quinto século, sustentava que a virtude era uma questão de fazer a coisa adequada no momento certo; há aqui, também, uma rejeição de um padrão ético absoluto em favor do tipo de julgamento ético situacional que varia de acordo com a pessoa e as circunstâncias.*<sup>13</sup>

Morrall<sup>14</sup> ainda observa:

*"O relativismo do enfoque aristotélico da modificação política tem sido freqüentemente assinalado. É claro que 8*

*ele muito deve à influência do ensino médico contemporâneo, com suas tentativas de diagnosticar as doenças que afligem as formas políticas e com as receitas fornecidas para a cura. A conexão de Aristóteles com a tradição hipocrática, que poderia mesmo ter precedido seu período na Academia, já foi mencionada, mas a escola hipocrática, por sua vez, tinha forte afinidade com a corrente de ensinamento sofista que avassalou o mundo grego no quinto século. Ambos os movimentos tinham em comum o programa de abandonar qualquer pesquisa de explicações abstratas e gerais dos fenômenos, como faziam os filósofos naturais pré-socráticos, e, em vez disso, concentrar-se no comportamento observável dos fenômenos e nas previsões baseadas nesse conhecimento empírico. Essa opinião é expressa pelo Tratado de Medicina Antiga (um remanescente do corpus de Hipócrates) que sustenta que em matéria de saúde nada é absolutamente bom nem absolutamente mau; o valor dos alimentos, remédios e outros meios de saúde é condicionado pelo estado individual dos respectivos usuários. Uma refeição de carne pode ser boa para um homem no gozo de perfeita saúde, e pode ser péssima e inadequada para um doente. O mesmo relativismo aparece nos fragmentos dos escritos sofistas de expoentes tais como Protágoras e Górgias. O famoso dito de Protágoras, "o homem é a medida de todas as coisas", deve ser provavelmente compreendido como querendo dizer que o conhecimento depende não de normas absolutas, mas de exigências situacionais com que se defronta o Homem, tanto como indivíduo como quanto espécie. As relações do homem com os objetos potenciais de seu conhecimento são o fator decisivo e condicionante para a criação desse conhecimento, e, igualmente importante, para sua utilização com o objetivo de conseguir maior controle do ambiente por parte do homem. O "Dissoi Logoi", coleção de exemplos de argumentos lógicos escrita no final do quinto século, argumenta que há sempre dois lados em cada questão -- não existe verdade absolutamente correta. "A doença é má para o doente, e boa para o médico. A morte é má para o moribundo e boa para os coveiros e construtores de tumbas. A vitória é boa para os vencedores, e má para os derrotados."*

De modo que o caráter socrático-platônico da filosofia de Aristóteles é unilateral. Aristóteles, na verdade, desenvolveu como enfoque metodológico de sua ciência natural uma perspectiva especificamente empirista, de valorização da consciência imediata, da experiência imediata da consciência, no estudo dos fenômenos naturais. Mais que isto, assumiu uma perspectiva relativista com relação à realidade e ao conhecimento, relativismo este que vai certamente se refletir na constituição de sua postura aporética, e no 9

perspectivismo e perspectividade de Nietzsche. Mesmo que este a tenha assimilado diretamente esta perspectiva a partir das concepções dos pré-socráticos, ela tem a mesma raiz.

Estas perspectivas, como vimos, Aristóteles certamente já assimilara e desenvolvera a partir da relação com a tradição da medicina hipocrática, muito anteriormente a sua chegada à Academia de Platão, em Atenas, em 367. Aí ele passa vinte anos.

Com a morte de Platão, e preterido -- certamente por não ser um ateniense -- na sucessão de Platão na direção da Academia, ele retorna para o Leste da Grécia e para o Noroeste da Ásia Menor, vivendo igualmente nas ilhas da região, Lesbos em particular. Em contato cotidiano com o mar e com a natureza (e que mar, e que natureza...), mais do que com as idéias, aí desenvolve os seus estudos de Biologia, podendo reiterar, elaborar e desenvolver o empirismo e o relativismo de sua metodologia no estudo dos fenômenos naturais. Quando retorna a Atenas, em seguida à conquista da Macedônia por Alexandre, em 338, para fundar o seu Liceu, o componente empirista e relativista de sua perspectiva no estudo dos fenômenos naturais estava consistentemente assentado, no sentido do desenvolvimento da maturidade de sua filosofia. Pró Macedônia, Aristóteles teve que evadir-se ainda mais uma vez de Atenas, quando da morte de Alexandre em 323, e no curso da revolta anti Macedônia que se seguiu. Evadido, Segundo ele<sup>15</sup>, para evitar que os atenienses cometessem um segundo crime contra a Filosofia, sendo o primeiro o da execução de Sócrates.

<sup>15</sup>

<sup>16</sup> ALBERTAZZI, Lilian

Brentano defendeu uma tese de habilitação sobre a filosofia Aristóteles. Conhecia-a em profundidade, e, como dissemos, era nela um especialista, tendo ministrado cursos sobre Aristóteles nas universidades alemãs e austríacas.

Acredito ser interessante observar as similaridades biográficas entre a vida de Aristóteles e a vida de Brentano, que certamente não passaram despercebidas a este. Aristóteles foi sempre um estrangeiro em Atenas. Oriundo das cercanias da Macedônia e pró Macedônia, para lá voltou magoado depois da morte de Platão, preterido em sua sucessão na Academia, pelo fato de não ser um ateniense. Depois de seu segundo período de permanência em Atenas, teve mesmo que fugir para não ser vitimado na revolta anti Macedônia.

Brentano<sup>16</sup>, oriundo de Marienberg am Rhein, Alemanha, foi, por seus méritos, convidado para lecionar em Viena. Aí, apesar de sua reputação e da importância de suas idéias, sempre foi tratado como um estrangeiro, sendo preterido para postos importantes -- inclusive a direção do laboratório de psicologia que ele mesmo idealizara --, pelo fato de não ser um vienense, tendo sido, pelo mesmo motivo, quase que impedido de casar com sua primeira mulher, uma vienense. No final de contas, injuriado, Brentano arrumou as malas, e emigrou para a Itália, depois do falecimento de sua primeira 10

mulher, onde estabeleceu-se em Florence, ansiando, quem sabe, pelas ilhas mais ao Sul do Mediterrâneo Oriental.

Mas o fato é que, como dizíamos, os estudos de Aristóteles deixaram em Brentano a marca profunda do empirismo e do relativismo deste. Brentano passa a entender, e a praticar, a própria Filosofia eminentemente como uma ciência natural, a ser praticada com o método empirista e aporético desenvolvido a partir de Aristóteles. Naturalmente, a psicologia, na qual se diferencia a filosofia de Brentano, passa ter o mesmo estatuto e método da ciência natural. Fugindo das perspectivas do idealismo, no seio de um reflorescimento da filosofia de Aristóteles<sup>17</sup>, com o qual o idealismo era confrontado na segunda metade do século passado, Brentano passa, desta forma, a entender e praticar a filosofia e a psicologia a partir da perspectiva das ciências naturais, empíricas e aporéticas. De modo que Brentano configura assim uma psicologia como estudo especificamente *empírico* e aporético da consciência, um empirismo fenomenológico e aporético, em alternativa à perspectiva *experimental* fisiologista e mecanicista da psicologia de Wundt.

<sup>17</sup>

<sup>18</sup> ALBERTAZZI, Lilian pp.35-6

Como Wundt, Brentano elege, igualmente, a consciência como objeto de estudo da psicologia. Mas diverge e diferencia-se definitivamente dele na perspectiva de compreensão e de concepção da consciência, no método de abordá-la, na concepção da ciência da consciência, a psicologia; assumindo o ponto de vista *empirista* e aporético no trato com esta, e afastando-se da possibilidade de uma Psicologia Experimental fisiologista, mecanicista e psicofísica, tal como a definida e praticada por Wundt .

De modo que a perspectiva *empírica* e aporética de Brentano leva-o a conceber a psicologia da consciência como uma ciência natural, uma ciência dos fenômenos<sup>18</sup>, a serem empiricamente abordados enquanto tais, na própria experiência deles. Brentano é, assim, levado a conceber, em particular, e a privilegiar a consciência em sua imediaticidade e presentidade. Em particular, e este é um aspecto maecante e definidor de sua abordagem, Brentano é levado a conceber fundamentalmente a consciência como o **ato**, o ato de consciência, e é a consciência como ato que lhe interessa, e que é objeto de seus estudos. Ato de consciência que invariavelmente se direciona a objetos, a conteúdos, mas que não é em si objeto. Diferentemente de Wundt, que entendera a consciência como sendo os seus conteúdos elementares, Brentano constitui assim a Psicologia como o estudo da consciência, como o estudo dos *atos* de consciência, como uma *psicologia do ato* de consciência. E não como uma ciência de estudo reducionista dos *conteúdos* elementares da consciência.

Para Brentano a consciência é a cada momento uma *totalização em ato* de seus diversos níveis. Mas não como adição associativa de conteúdos elementares, de elementos, que poderiam ser apreensíveis, em última instância, através de uma análise reducionista, como na concepção de Wundt. A totalização dos *atos de consciência* configura-se para Brentano como 11

totalização significativa que articula pontualmente a multiplicidade de dimensões do dado ato de consciência. De modo que o sentido do ato de consciência advém da configuração da totalização, como articulação dinâmica e pontual das suas partes constituintes. Partes estas que adquirem o seu sentido, de partes, já na sua pertinência ao processo de totalização. De modo que o reducionismo elementarista não seria hábil para uma apreensão da consciência. Em primeiro lugar, em função do fato de que, na medida em que se direcionava no sentido da apreensão de *objetos* da consciência, erraria já o alvo, e não daria conta de apreender o sentido específico da consciência como *ato*. E não seria hábil para uma apreensão e estudo da consciência na medida em que, focado em supostos elementos de consciência, não daria conta de apreender o sentido próprio da configuração da totalização do ato de consciência, da própria consciência. O que comprometeria a própria apreensão do sentido próprio das partes constituintes do ato de consciência, uma vez que este sentido próprio das partes define-se originalmente na relação com e pertinência da parte à totalização particular.

A partir da concepção de Brentano, surge, utilizada pela primeira vez por Von Ehrenfels<sup>19</sup>, aluno de Brentano, a concepção de *Gestalt* para definir a configuração totalizadora do ato de consciência, como uma totalização na qual os elementos, as partes, não se somam, mas articulam-se dinamicamente no sentido de uma totalização que é diferente da sua associação aditiva, da sua soma: *o todo que é diferente da soma de suas partes*. As partes se definem como tais na pertinência à totalização. A consciência é dada pela constituição imediata da configuração desta totalização significativa, que não é uma síntese, e que não é dada à análise, mas apenas a uma apreensão empírica, a um empirismo da consciência, empirismo fenomenológico.

<sup>19</sup>

<sup>20</sup> ALBERTAZZI, pp.35-6.

<sup>21</sup>

Alunos de Brentano, Von Ehrenfels e Stumpf (este professor de Husserl) serão os professores dos psicólogos -- Max Wertheimer, Kurt Koffka, Wolfgang Köhler e Kurt Goldstein --, que, a partir destas concepções constituirão a Psicologia da Gestalt. Abraham Maslow será profundamente influenciado pelas idéias da Psicologia da Gestalt, em particular pelas idéias de Max Wertheimer, emigrado para os Estados Unidos.

Ciência dos fenômenos, como as demais ciências naturais, cuja fonte é tanto a percepção como a experiência, a Psicologia tinha que encarar, entretanto, para Brentano, uma característica peculiar dos fenômenos psíquicos<sup>20</sup>: o sujeito é incapaz de *observar* o fenômeno psíquico. É impossível a *observação interior* do fenômeno da consciência. Para Brentano, o fenômeno da consciência é dado, apenas, a um tipo particular de percepção, a *percepção interior*. A percepção interior pressupõe a identidade de percebedor e percebido, e é esta a justificação para a sua evidência, que Brentano vai buscar na teoria da evidência de Descartes<sup>21</sup>. 12

Diferentemente da *percepção* interior, a **observação** interior não atende a esta premissa, uma vez que pressupõe uma distância entre observador e observado. Há na *observação* interior uma cisão entre percebedor e percebido. Fica assim comprometida a *introspecção* de Wundt, e toda a sua Psicologia Experimental, como métodos hábeis para uma apreensão e estudo da consciência, uma vez que a *introspecção* wundtiana e a sua Psicologia Experimental assentavam-se eminentemente na *observação interior*. A psicologia de Brentano centrar-se-á na *imediata* apreensão, empírica, da consciência, como uma totalização em ato<sup>22</sup>, *percepção interior*, contraposta à *observação interior*, característica da *instrospecção* wundtiana. Fazendo esta distinção, Brentano aponta para os limites da *introspecção* wundtiana, e para os limites da pretensão de erigi-la como método privilegiado de estudo da consciência. A *percepção interior* é a apreensão em ato da consciência em seu processamento imediato, e como totalização significativa de uma multiplicidade de dimensões de consciência, dimensões estas que se definem como tais na própria constituição deste processo de totalização. Como *observação interior*, a *introspecção* wundtiana não dava conta da apreensão da consciência, uma vez que a introspecção caracteriza-se como uma re-flexão da consciência sobre a consciência passada, e não como um processo original de constituição da consciência em sua atividade, passível este de ser apreendido, em sua originalidade ativa, pela percepção interior.

<sup>22</sup> ver

Desta forma, Brentano refuta a concepção de consciência de Wundt, a sua concepção de método, a própria Psicologia Experimental e a sua concepção de ciência psicológica.

Por quê seria então importante a contribuição de Brentano para uma elucidação da concepção de *experimentação* em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial? Já que Brentano não preconiza a experimentação em Psicologia, e que a principal fonte desta concepção seria o método perspectivativo de Nietzsche?

Neste sentido, um grande mérito da concepção de Brentano, é o de ter refutado assim a concepção de experimentação da psicologia experimental, e ter lançado as bases para o desenvolvimento de uma concepção do experimental de cunho especificamente fenomenológico, fundada na percepção interior. Stumpf e os psicólogos da Gestalt desenvolveram ampla série de pesquisas fenomenológicas, livres da concepção de Wundt. Com a constituição e desenvolvimento de seu *empirismo aporético da consciência*, Brentano abre a possibilidade do próprio estudo e expressividade fenomenológica da consciência como experiência imediata. Com estas contribuições, Brentano cria as condições para o desenvolvimento da fenomenologia, da Psicologia da Gestalt e da Psicologia Humanista. 13

Entendendo a psicologia e a filosofia como *ciências*, e em específico como *ciências da natureza*, a serem praticadas, em suas abordagens da consciência, a partir da metodologia empírica e aporética das ciências naturais<sup>23</sup>, Brentano aparentemente aproxima-se da perspectiva nietzscheana, a outra fundamental raiz da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial. O empirismo fenomenológico aporético de Brentano parece bastante próximo da perspectiva de F. Nietzsche, quando define a Filosofia como uma ciência natural<sup>24</sup>, e a assume segundo o seu método perspectivativo?

<sup>23</sup>

<sup>24</sup> NIETZSCHE, F.

<sup>25</sup> NIETZSCHE,

<sup>26</sup> MARQUES,

<sup>27</sup> NIETZSCHE, F. **A GAIA CIENCIA**, Lisboa, Guimarães e C.<sup>a</sup>, 1984.

Nietzsche observa a respeito de sua concepção da filosofia como uma ciência natural:

"... (A filosofia histórica) já não se pode imaginar de modo nenhum separada das ciências naturais, o mais jovem de todos os métodos filosóficos"<sup>25</sup>

Comentando esta passagem de Nietzsche, no **Humano Demasiado Humano**, Antonio Marques observa:

*Várias são as idéias novas e estimulantes deste excerto. De sublinhar o conceito de uma filosofia histórica aliada ao método das ciências naturais (a hipótese e a experimentação)...<sup>26</sup>*

E nunca é muito lembrar o rompante *epistemológico* de Nietzsche em *A Gaia Ciência*<sup>27</sup>.

"... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade'".

De modo que podemos certamente compreender a possibilidade de um parentesco profundo entre a concepção de Brentano e a concepção de Nietzsche, de uma filosofia e de uma psicologia como ciências naturais, e como ciências animadas por um método *empirista* e *aporético*. Numa palavra, um método *perspectivativo, experimental*, no sentido da *gaya scienza* de Nietzsche.

Certamente que a perspectiva brentaniana não possui a densidade existencial, da perspectividade de Nietzsche, organizada a partir da *vontade* 14

*de potência*. Mas não seria muito supor, acredito, quando menos como analogia, que a perspectivação Nietzscheana configura-se, num certo sentido, como nada menos que uma certa radicalização existencial do empirismo aporético de Brentano. Com isto, não quero reduzir uma abordagem à outra, mas salientar este seu possível parentesco, e o interessante que parece ser a elucidação dele para os fundamentos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. A concepção do experimento e do experimental em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial desfrutariam assim de uma consistência profunda e radical, na medida em que as suas duas vertentes de constituição, a Filosofia de Brentano e a Filosofia da Vida de Nietzsche, compartilhariam esta raiz comum. Ainda que não haja, eventualmente, uma relação histórica direta entre as suas concepções: o que permanece, a meu ver, como uma interessante questão em aberto. E, mais que isto, como uma interessante suspeita... Quanto a uma relação histórica indireta, talvez Hipócrates e Aristóteles, e em específico a conexão hipocrático aristotélica, tenham algo a dizer... Naturalmente que, apesar da eventual convergência em raízes, cada uma das abordagens desenvolve concepções próprias e independentes. A concepção da Filosofia e da Psicologia como ciências naturais, praticadas com o método empirista e aporético destas aproxima assim o método de Brentano do método perspectivativo, experimental, de F. Nietzsche. De modo que aparentemente não seria muito dizer que o próprio método empirista e aporético de Brentano **é em si** um método fenomenológico experimental, e a própria base da experimentação e do experimento fenomenológico.



**3. PERSPECTIVAÇÕES ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO  
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL 3  
*PERSPECTIVAÇÃO EM NIETZSCHE  
A Experimentação no Estilo Afirmativo Experimental de  
uma Vida Que Experimenta.***

## PERSPECTIVAÇÃO EM NIETZSCHE

*A Experimentação No Estilo Afirmativo Experimental de uma Vida Que Experimenta. r*

*Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos -- eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo -- a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos -- todas as leis do período são artes dos gestos.*

**F. Nietzsche**

*A partir de agora, senhores filósofos, guardemo-nos melhor, portanto, da perigosa e velha patranha conceitual que criou um "sujeito puro do conhecimento, sujeito alheio à vontade, à dor, ao tempo", guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como "razão pura", "espiritualidade absoluta", "conhecimento em si": -- se nos pede sempre aqui pensar um olho que de nenhuma maneira pode ser pensado, um olho carente absoluto de toda orientação, no qual deveriam estar entorpecidas e ausentes as forças ativas e interpretativas, que sem dúvida são as que fazem com que o ver seja ver-algo, se nos pede sempre aqui, portanto, um contrasentido e um não-conceito de olho. Existe unicamente um "conhecer" perspectivista; e quanto maior for o número de afetos aos quais permitamos dizer a sua palavra sobre uma coisa, quanto maior for o número de olhos, de distintos olhos que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, tanto mais completo será o nosso "conceito" dela, tanto mais completa será a nossa "objetividade". Mas eliminar em absoluto a vontade, deixar em suspenso a totalidade dos afetos, supondo que pudéssemos fazê-lo: Como? Não significaria isso castrar o intelecto?...*

**F. Nietzsche**

*O homem aprende que viver significa ousar, e a vida torna-se possível como experiência.*

**Eugen Fink**

*Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu caráter de empreendimento audacioso.*

**Eugen Fink**

*... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a*

*experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade'" (F. Nietzsche)*

*(Nietzsche) se impõe a tarefa de libertar a vida dos valores da decadência de modo a poder criar novas formas de agir, novas possibilidades de vida, e, fundamentalmente, uma nova concepção do que seja pensar.*

*(Marcelo G. Barbosa) 3*

O **perspectivismo**, a **perspectatividade** de F. Nietzsche, o seu método perspectivativo, a perspectivação, característicos de sua obra, a *gaya experimentação*, de sua *gaya scienza*, parecem ser fontes seminais da concepção e na postura de *experimentação fenomenológico-existencial* que terminam por se constituir como uma das características mais marcantes, ricas, fundamentais e originais, da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Neste sentido, a influência da **experimentação** nietzscheana tem, também, uma história anterior, uUma vez que ela já aparece como tal na decisiva influência que Nietzsche exerce sobre a constituição da experimentação e do *caráter experimental* do movimento artístico do *Expressionismo*<sup>1</sup>, que, por sua vez, é uma das mais marcantes influências no processo de constituição da originalidade e força da Psicologia da Gestalt, da Gestalterapia e da Psicologia Humanista.

\* É interessante observar que a perspectatividade é o "fenomenalismo" de Nietzsche. cf. **NIETZSCHE, F.** §354 in **A GAIA CIÊNCIA**, Lisboa, Guimarães & C<sup>a</sup>, 1984 pp. 249-52.

<sup>1</sup>

<sup>2</sup> in **PARA ALÉM DO BEM E DO MAL**

<sup>3</sup> GIGLIO

<sup>4</sup> MARTON, Scarlet -

<sup>5</sup> **FINK, Eugen** (pp. de todo o capítulo)

\* Relativo a *poietico*, poder criativo do Ser.

Acredito assim ser do mais alto interesse elucidar o sentido do *método experimental perspectivativo* de Nietzsche, de sua perspectivação, para uma elucidação fundamental, compreensão e desdobramento do sentido específica e propriamente experimental da Gestalterapia e da Abordagem Centrada na Pessoa, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

A concepção do método perspectivativo de Nietzsche está bem constituída ao longo de sua obra, mas dispersa em vários momentos desta<sup>2</sup>. Em função disto, e em função de sua natureza particular, é delicada a sua tematização, ainda que o tema seja forte. Buscamos a seguir desenvolver certas ópticas do mesmo, partindo de uma consideração acerca do lugar e sentido da consciência na concepção nietzscheana; comentamos, a seguir, o sentido da perspectivação e do perspectivismo como faculdade do juízo e da capacidade de avaliar alternativa à consciência; alternativa a suas, limitações, impropriedades, erros e doentia exacerbação; até chegarmos a uma exposição da evolução da *cientificidade* nietzscheana como evolução do seu conceito de *experimentação*, entendida esta eminentemente como *perspectivação*.

Uma contribuição marcante da obra de Nietzsche é a sua crítica da consciência como o modo superior do pensar humano<sup>3</sup>.

Que nada! O homem pensa em múltiplos e intensos modos não conscientes. Na verdade, a consciência expressa apenas aquilo que é gregário, deixando de fora todo o resto do vivido. E a eleição e supervalorização da consciência nada mais é do que uma alienação e um sintoma doentio.

A perspectivação, sub e trans consciente, permite a expressividade da originalidade, a relativização perspectivativa da consciência, a afirmação da vida. A perspectivação, o método perspectivativo de Nietzsche, é a sua experimentação<sup>4</sup> e a base da sua científicidade<sup>5</sup>. De um modo tal que não erraríamos, creio, se disséssemos que Nietzsche preconiza uma existência *científica*. Científica porque experimental, perspectivativa. *Poieticamente* experimental e perspectivativa. De modo que o experimental perspectivativo em Nietzsche fundamenta toda uma conversão da existência, que pode ousar dar-se a si própria como referência, e afirmar-se. *O homem aprende que viver significa ousar, e a vida torna-se possível como experiência.*

*Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu caráter de empreendimento audacioso.*<sup>6,4</sup>

É este sentido que acredito que esteja no cerne das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

### **DISTORÇÕES, IMPROPRIEDADES E LIMITES DA CONSCIÊNCIA. Erro do Juízo e da Capacidade de Avaliar.**

Uma das contribuições marcantes de Nietzsche, como dissemos, é a de deixar muito claros os limites da consciência reflexiva, e do intento da civilização ocidental em erigi-la em apanágio superior do humano e da humanidade, fundamento de um certo sujeito. Na verdade, Nietzsche aponta para os erros, distorções e, evidentemente, perigos deste intento.

"... se não fosse o laço dos instintos..." , diria ele.

Na sua crítica ao privilégio da consciência e do conhecimento, em detrimento das experiências vivenciais, Nietzsche<sup>7</sup> observa:

<sup>7</sup>NIETZSCHE, F., *GENEALOGIA DA MORAL*, São Paulo, Brasiliense, 1988. p.

<sup>8</sup>NIETZSCHE, F. §354 in *A GAIA CIÊNCIA*, Lisboa, Guimarães & C<sup>ª</sup>, 1984 p. 251.

*"Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: "onde estiver teu tesouro, estará também o teu coração"\*.* Nosso tesouro está onde estão as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras do mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito – levar algo "para casa". Quanto ao mais da vida, as chamadas "vivências", qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio estarmos sempre "ausentes": nelas não temos o nosso coração – para elas não temos ouvidos. Antes, como alguém divinamente disperso e imerso em si, a quem os sinos acabam de estrondear no ouvido as doze batidas do meio-dia, e súbito acorda e se pergunta "o que foi que soou?", também nós por vezes abrimos depois os ouvidos e perguntamos, surpresos e perplexos inteiramente, "o que foi que vivemos?", e também "quem somos realmente?", e em seguida contamos, depois, como disse, as dozes vibrantes batidas da nossa vivência, da nossa vida, nosso ser – ah! E contamos errado... Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que nos mal-entender, a nós se aplicará sempre a frase: "Cada qual é o mais distante de si mesmo" – para nós mesmos somos "homens do desconhecimento"...

Não que Nietzsche despreze a consciência, ele apenas aponta para o fato de que é na vida não exatamente reflexiva que se desenvolvem as transformações de que a vida consciente é mera dependência. Dependência esta modelada pela vida social. A consciência é dependência do social, nossos atos, entretanto, são pessoais e singulares, e não há como fazer coincidir consciência e ação.

*Penso, como se vê, que a consciência não pertence essencialmente à existência individual do homem, mas, pelo contrário, à parte de sua natureza que é comum à totalidade do rebanho; que não foi, por consequência, subtilmente desenvolvida senão na medida de sua utilidade para a comunidade, o rebanho; e que a despeito da melhor vontade que podemos pôr em 'nos conhecermos', em perceber o que há de mais individual, nenhum de nós jamais poderá tomar consciência senão do seu lado individual e 'médio'; que o nosso próprio pensamento se encontra sem cessar de algum modo 'melhorado' pelo caráter da consciência -- pelo 'gênio da espécie' que comanda no seu seio -- e retraduzida na língua imposta pela perspectiva do rebanho. Todos os nossos actos são, bem no fundo, supremamente pessoais, únicos, individuais, incomparáveis, certamente; mas desde que a consciência os traduz na sua língua deixam de parecer assim...<sup>8</sup>*

O sentido mais forte e vital da consciência encontra-se, exatamente, nas formas, intensidades e fluxos, vontades, forças, de sua desmesura, 5

transconsciência. Tal o tamanho do erro da civilização ocidental, socrática. A supervalorização da consciência é para Nietzsche *um perigo*, e mesmo *uma doença*. Pelo simples fato de que a consciência reflexiva é afastamento da vida e do mundo, da vontade afirmativa, desvitaliza, e não é hábil para lidar com a multiplicidade do vivido, com os fluxos de suas intensidades, nexos necessários e transmutações.

São, não obstante, os processos mais elaborados e refinados da própria consciência reflexiva que são, na cultura da civilização ocidental, tomados como definidores do humano, e exercitados a níveis preocupantemente tóxicos.

Nietzsche observava o *erro do juízo e da capacidade de avaliar*, que se configura como a constituição, tomada e super valorização do conceitual em sua pureza abstrata, a perda de seu movimento, de sua história, de seus nexos, paradoxos e transmutações, vividos. A tomada e a constituição de antípodas metafísicos, que só são possíveis enquanto tais na medida em que a consciência conceitual é desta forma despossuída, reificada e adotada.

Comentando alegoricamente as características de seu personagem, em *O Lobo da Estepe*, Hermann Hesse<sup>9</sup> coloca, de um modo primoroso, algo da crítica nietzscheana, creio, e algo da óptica do seu perspectivismo,

<sup>9</sup> HESSE, Hermann in *O Lobo da Estepe*, pp. 70-71

<sup>10</sup> MARQUES.

(...) *Tudo o que há de feroz dentro de si ele atribui ao lobo e o tem por mau, perigoso e terror dos burgueses; mas ele que, no entanto, se acredita um artista e supõe ter sensibilidade, não é capaz de ver que fora do lobo, atrás do lobo, vivem no seu interior muitas outras coisas: que nem tudo o que morde é lobo; que dentro de si habitam também a raposa, o dragão, o tigre, o macaco e a ave-do-paraíso, e que todo este mundo é um éden cheio de milhares de seres, formosos e terríveis, grandes e pequenos, fortes e delicados, mundo asfíxiado e cercado pelo mito do lobo -- tanto como o verdadeiro homem que nele há é asfíxiado e preso apenas pela sua aparência de homem, pelo burguês.*

*Imagine-se um jardim de cem espécies de árvores, com mil variedades de flores, com cem espécies de frutas e outros tantos gêneros de ervas. Pois bem: se o jardineiro que cuida deste jardim não conhece outra diferenciação botânica além do 'joio' e do 'trigo', então não saberá que fazer com nove décimas partes do seu jardim, arrancará as flores mais encantadoras, cortará as árvores mais nobres, ou pelo menos ter-lhes-á ódio e as olhará com maus olhos. Assim faz o Lobo da Estepe com as mil flores de sua alma. O que não está compreendido na designação pura e simples de "lobo" ou de "homem" nem sequer merece a sua atenção. E quantas qualidades ele empresta ao homem! Tudo o que é covarde, símio, estúpido, mesquinho, desde que não seja muito, diretamente lupino, ele o atribui ao "homem", assim como atribui ao "lobo" tudo o que é forte e nobre, só porque não conseguiu ainda dominá-lo."*

A alegoria de Hesse parece bem traduzir a crítica e o lamento de Nietzsche com relação às lamentáveis conseqüências da indevida sobrevalorização da consciência do homem da modernidade.

De modo que a filosofia de Nietzsche constata, assim, a pobreza e a limitação da consciência. E, em particular, da contraposição metafísica de antípodas não misturáveis, na interpretação da realidade, no conhecimento e nos valores. Na verdade, ele entende especificamente esta contraposição metafísica como um *erro da razão e da faculdade de ajuizar*<sup>10</sup>.

A perfeição do conceitual, e a nossa adicção a esta perfeição, faz com que percamos a história da constituição do conceito, e que o queiramos, e a ele queiramos ingerir, de um modo viciosamente puro e perfeito, asséptico de uma 6

história vivida, de seus nexos e dos processos de suas possibilidades e transmutações. Pessoa<sup>11</sup>, na linha de Hesse, ressoa Nietzsche, na sua perspectatividade alternativa à "pureza" do conhecimento conceitual e ao reducionismo dos antípodas não misturáveis, que não dão conta das multiplicidades do efetivamente vivido e de seus enraizamentos,

<sup>11</sup> PESSOA, Fernando in *Poesias de Álvaro de Campos – A Passagem das Horas*. p.242.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, F.

<sup>13</sup> MARQUES, Antonio

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. *A GAIA CIÊNCIA*, Lisboa, Guimarães & C<sup>a</sup>, 1984 pp 48-9.

*Multipliquei-me, para me sentir Para me sentir, precisei sentir tudo, Transbordei, não fiz senão extravasar-me, Despi-me, entreguei-me, E há em cada canto de minha alma um altar a um deus diferente.*

Na verdade, o conceito e o conceitual têm a sua história vivida aquém da consciência conceitual, na fenomenação da multiplicidade de possibilidades de ser. Perder esta história configura-se como o limite próprio da consciência, e o erro de sua sobrevalorização.

Nietzsche<sup>12</sup> observa com relação à perfeição do conceito e do conceitual:

*"Estamos habituados, perante tudo que é perfeito, a omitir a questão de seu processo evolutivo, regozijando-nos antes com a sua presença, como se ele tivesse saído do chão por artes mágicas. Provavelmente, estamos ainda, neste caso, sob o efeito residual de um antiquíssimo sentimento."*

O isolamento e a abstração do conceitual não levam em conta o fato de que o conceito é momento de um processo de transformações, não levam em conta o seu caráter eminentemente perspectivo e ilusório. Como tudo, o conceitual deriva e tem a sua história, e os seus múltiplos e cambiantes nexos na vida irreflexiva.

No prefácio da edição portuguesa de *Humano Demasiado Humano*<sup>13</sup>, Antonio Marques comenta:

*O problema não está no próprio acto de incluir este acto ou comportamento na esfera de um conceito (subsunção do juízo) mas sim no próprio conceito que se apresenta, como se fosse um domínio perfeitamente delimitado, sem uma história própria. Pelo contrário, os conceitos, a partir dos quais ajuizamos, necessitam eles próprios de ser avaliados e, se o fizéssemos, haveríamos de perceber que eles têm a sua história, a qual é uma história de transmutação e alteração de funções.*

No *Gaya Ciência*, Nietzsche<sup>14</sup> explicita a sua apreciação da consciência, e observa:

*A consciência é a última fase da evolução do sistema orgânico, por conseqüência também aquilo que há de menos acabado e de menos forte neste sistema. É do consciente que provém uma multidão de enganos que fazem com que um animal, um homem, pereçam mais cedo do que seria necessário, "a despeito do destino", como dizia Homero. Se o laço dos instintos, este laço conservador, não fosse de tal modo mais poderoso do que a consciência, se não desempenhasse, no conjunto, um papel de regulador, a humanidade sucumbiria fatalmente sob o peso de seus juízos absurdos, das suas divagações, da sua frivolidade, da sua credulidade, numa palavra do seu consciente: ou antes, há muito tempo que teria deixado de existir sem ele! (...) Considera-se que o consciente é uma constante! nega-se o seu crescimento, as suas intermitências! É considerado como "a unidade do organismo"! Sobrestima-se, desconhece-se ridiculamente, aquilo que teve a conseqüência eminentemente útil de impedir o homem de realizar o seu desenvolvimento com demasiada rapidez. Julgando possuir a consciência, os homens pouco se esforçaram por a adquirir; e hoje ainda estão nisto! Trata-se ainda de uma tarefa eminentemente 7*

actual, que o olho humano apenas começa a entrever, a de se incorporar o saber, de o tornar instintivo no homem".

Como observamos, assim, Nietzsche entendeu que a consciência não é a fonte da força, e que a consciência não é pessoal. A consciência, tal como elaborada pela humanidade constitui-se a serviço do gregário, e é na verdade, dimensão do consenso do social, da vida social, e não do singular. Ao mesmo tempo que as ações são singulares e pessoais, a consciência está a serviço do coletivo<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, F. §354 in *A GAIA CIÊNCIA*, Lisboa, Guimarães & C<sup>a</sup>, 1984 pp. 249-52

<sup>16</sup> Grifos nossos.

*O problema da consciência (ou mais exactamente da consciência em si) só se nos apresenta no momento em que começamos a compreender por onde é que poderemos lhe escapar(...). Podemos, com efeito, pensar, sentir, querer, lembrarmo-nos; poderemos igualmente 'agir' em todas as acepções do termo, sem ter consciência de tudo isso. A vida inteira poderá passar sem se olhar neste espelho da consciência (...), na maior parte da sua actividade, mesmo a mais alta, pensamento, sentimento, vontade,(...) decorre sem reflexo, sem reflexão. Para que serve a consciência se é supérflua para o essencial da existência? (...) a força e a acuidade da consciência me parecem estar sempre em razão directa com a capacidade do homem (ou animal) em se exprimir, e esta mesma capacidade em proporção da necessidade de se comunicar. (...)*

E continua:

*(...) A consciência é apenas uma rede de comunicação entre homens; foi nesta única qualidade que se viu forçada a desenvolver-se (...). Porque como toda criatura viva, o homem, repito, pensa constantemente, mas ignora-o; o pensamento que se torna consciente representa apenas a parte mais ínfima, digamos a mais superficial, a pior, de tudo aquilo que pensa: porque só existe o pensamento que se exprime em palavras, quer dizer, em sinais de trocas, o que revela a própria origem da consciência. Em resumo, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (não da razão, mas somente da razão que se torna consciente de si própria), estes dois desenvolvimentos caminham a par. Acrescentemos que a língua não é a única a servir de ponte de homem para homem, que existem também o olhar, a pressão, o gesto (...).*

*Penso, como se vê, que a consciência não pertence essencialmente à existência individual do homem, mas, pelo contrário, à parte de sua natureza que é comum à totalidade do rebanho; que não foi, por consequência, subtilmente desenvolvida senão na medida de sua utilidade para a comunidade, o rebanho; e que a despeito da melhor vontade que podemos pôr em 'nos conhecermos', em perceber o que há de mais individual, nenhum de nós jamais poderá tomar consciência senão do seu lado individual e 'médio'; que o nosso próprio pensamento se encontra sem cessar de algum modo 'melhorado' pelo carácter da consciência -- pelo 'gênio da espécie' que comanda no seu seio -- e retraduzida na língua imposta pela perspectiva do rebanho. Todos os nossos actos são, bem no fundo, supremamente pessoais, únicos, individuais, incomparáveis, certamente; mas desde que a consciência os traduz na sua língua deixam de parecer assim<sup>16</sup>...*

Crítico da sobrevalorização indevida da consciência, Nietzsche elabora o seu perspectivismo: *Eis o verdadeiro fenomenalismo, eis o verdadeiro perspectivismo, ei-lo tal como eu o compreendo: a natureza da 8*

*consciência animal faz com que o mundo de que nos podemos tornar conscientes não passe de um mundo de superfícies e de signos, um mundo generalizado, vulgarizado; e que, por conseqüência, tudo o que se torna consciente se torna por isso mesmo superficial, reduzido, relativamente estúpido, torna-se uma coisa geral, um signo, um número do rebanho, e que qualquer tomada de consciência provoca uma decisiva corrupção de seu objecto, uma grande falsificação, uma 'superficialização', uma generalização.*<sup>17</sup>

<sup>17</sup> *ibid.*

<sup>18</sup> ibid.

E Nietzsche, no final do século XIX, dá o alerta: o excesso de consciência é um perigo. Pois aí onde ela se hipertrofia, a vida está sendo mitigada, e distorce-se.

*No fim de contas, o aumento de consciência é um perigo, e quem vive no meio de europeus conscientes sabe mesmo que se trata de uma doença*<sup>18</sup>.

Nietzsche observa, pois, que o homem ainda está a aprender a integrar e a desenvolver a sua consciência de um modo que ela não seja perigosa e destrutiva, algoz da vida. Por mais de dois mil anos, não obstante, temos praticado uma postura inepta com relação à consciência, uma vez que, equivocadamente, temos sobrestimado a consciência, e desvalorizado, e mesmo difamado, os modos da vida não consciente, e os modos da expressão desta. A questão da expressividade singular, original, é a questão não da expressividade da vida reflexiva, da consciência, mas a questão da interpret/ação fenomenal das orquestr/ações do vivido, que manifestam-se especificamente não na consciência, mas na desmesura dionisíaca da consciência: perspectivação, transconsciência. 9

**A VIDA É UMA EXPERIÊNCIA. GAYA SCIENZA, GAYA EXPERIMENTAÇÃO, GAYA PERSPECTIVAÇÃO. O Experimental e a Ciência Nietzscheanos.**

“... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha ‘veracidade’”. F. Nietzsche em *A Gaya Ciência*.

F. Nietzsche tratou de relativizar a ciência como modo de produção da verdade. Entendeu-a como derivada, de fato, da moral. Para ele, ambas, tanto a ciência como a moral, subordinam-se à arte, como um critério superior de constituição da verdade<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> MACHADO, Roberto -

<sup>20</sup> Fink, Eugen

<sup>21</sup> FINK, Eugen

<sup>22</sup>

<sup>23</sup> NIETZSCHE, F.

<sup>24</sup> FINK, Eugen -

<sup>25</sup> FINK, Eugen -

No que pese esta subordinação da ciência à arte, Nietzsche experimentou-se como *científico*, *perspectivou-se* como *científico*, em particular quando cuidava de superar as suas vinculações com Schopenhauer e com Wagner, e, quando cuidava de uma refutação vigorosa do Idealismo em geral<sup>20</sup>, na consolidação do seu empirismo fenomenal perspectivativo. Nietzsche interessava-se então por uma perspectiva rigorosa para a superação do idealismo, e para tal pareceu-lhe adequada a perspectiva da ciência. Dedica-se ele aí a ser *científico*, a experimentar-se na perspectiva da ciência. Este intento caracteriza a Segunda fase da sua obra, que começa com *Humano Demasiado Humano*<sup>21</sup>

Pode parecer incoerente com o Nietzsche de que falamos inicialmente, que faz uma apologia da arte como modo superior de produção da verdade. Mas de fato não é. Nietzsche vai paulatinamente compondo a sua própria concepção particular de ciência, a sua concepção de experimentação como perspectivação<sup>22</sup>. E, em específico, esta concepção não se distingue do sentido do artístico, da perspectiva da *poiesis*.

A concepção da *ciência* em Nietzsche está intimamente ligada à sua concepção de *experimentação*. E, por seu turno, esta concepção de experimentação deriva da concepção do real, do conhecimento e da ética como *perspectivativos*.

Para Nietzsche<sup>23</sup>, tanto o conhecimento como os valores são eminentemente perspectivativos. Somos cada um de nós uma perspectiva, cada conhecimento e cada valor são, na verdade, perspectivas. De modo que conhecê-los exige o desdobramento afirmativo deles enquanto tais, e a relativização deles, diante das possibilidades das outras perspectivas a eles relativas e com eles conflitivas. De modo que a *ciência* Nietzscheana tem como método o seu método perspectivativo, que permite a expressividade, para além da consciência, da originalidade do vivido, na multiplicidade de suas intensidades, nexos, fluxos e pulsos.

Fink<sup>24</sup> destaca a característica experimental que adquire a filosofia da vida de Nietzsche, a partir do momento em que ele desaponta-se, e passa a contrapor-se, à filosofia de Schopenhauer, e à perspectiva de Wagner. Neste momento, segundo Fink<sup>25</sup>, Nietzsche passa a reivindicar uma perspectiva "científica" e "experimental", para afastar-se em definitivo da perspectiva do Idealismo. Uma perspectiva "científica" e "experimental", por ser rigorosa, radicalizaria uma contraposição à perspectiva idealista. 10

Aos poucos, entretanto, observa Fink<sup>26</sup>, observa-se a particularidade da concepção nietzscheana do "científico" e do "experimental". Na verdade, o *científico* e o *experimental* são efetivamente entendidos na Filosofia da Vida de Nietzsche na *perspectiva da vida*, do corpo, dos sentidos, de sua afirmação. A vida entendida como afirmação, e a perspectiva da **afirmação da (de uma vida que é) afirmação** (Machado...), a *experimentação no estilo de uma vida que experimenta* (Fink): este o sentido do *experimental* na filosofia da vida de Nietzsche; e de sua ciência, *gaya scienza*.

<sup>26</sup> FINK, Eugen -

<sup>27</sup> FINK, Eugen -

\* Grifos nossos, N.A.

<sup>28</sup> **FINK, Eugen - op. cit., pp.53-4**

\* Grifo nosso. N:A:

Fink<sup>27</sup> acompanha a evolução da perspectiva nietzscheana do experimental desde a concepção do *espírito livre*, até a sua formulação nas transmutações do *Zaratustra*. Na concepção do *'espírito livre'*, que começa a despontar no *Humano...*, o "deslumbramento ilusório" e a segurança crônica e fossilizada começam a ser agredidos e revolvidos, à medida em que se admite e integra efetivamente a concretude da existência, com os seus fluxos e intensidades, com as suas transmutações, com as suas forças e alegrias, e com a inevitável dureza do sofrimento e da finidade próprios do perecível:

*"O saber crítico torna-se uma força que ataca à própria vida, que destrói a sua segurança, o seu deslumbramento ilusório. Nietzsche sabe que um conflito separa a vida da ciência e toma agora partido por esta última. E esta preferência encarna-a ele agora como que na figura, no papel que ele assume na personagem do 'espírito livre'. Nietzsche confere-lhe traços maravilhosos. Ele está muito longe da liberdade proba e pesadonha da época iluminista, de uma fé seguríssima na razão. O espírito livre de Nietzsche mantém-se à distância de si próprio, faz prova sobretudo de uma temeridade que não recua perante nada, é já um precursor do príncipe Vogelfrei, do dançarino de pés ligeiros, do pacífico e sereno Zaratustra de espírito ligeiro. Possui a sedução, a audácia temerária como elemento seu; **faz experiências consigo próprio, com o mundo e com Deus**; coloca em tudo seus pontos de interrogação, sem fugir ao encontro das coisas mais venerandas; ele desconfia, como nunca se desconfiou; pratica uma psicologia de duplo fundo e atrai para a luz mais do que um pensamento reservado; não mostra timidez nem respeito, sobretudo por aquilo que todo mundo considera importante; dotado de um sexto sentido para os ocultos e tortuosos caminhos do 'ideal', ele segue muitas pistas ao mesmo tempo. Ele possui a férrea frieza do pensamento inexorável que 'dilacera a carne da vida', que busca a verdade sem ilusões, mesmo que ela se revele mortal.*<sup>28</sup>

E a seguir:

*"(o 'Espírito Livre' de Nietzsche) escolhe a 'óptica da ciência', porque ela corresponde ao espírito fundamental que domina toda a segunda fase de Nietzsche: **a vida é uma experiência**". Incessantemente e em variações múltiplas aponta para **o caráter experimental da vida**, os seus riscos e projetos, para o facto de o homem colocar objectivos a si próprio; **o espírito livre não é livre por viver segundo o conhecimento científico, é livre na medida em que utiliza a ciência como meio para se libertar da grande servidão da existência humana em relação aos 'ideais', para se escapar da tutela da religião, da metafísica e da moral.** (...) o homem perdeu-se, sujeitou a vida a pesos enormes, submeteu-se ao sobre-humano, e a religião, a metafísica e a moral são formas dessa servidão; o homem venera o sobre-humano, organiza toda a sua vida em função daquele e já não sabe que foi ele próprio quem pôs no seu firmamento tais estrelas orientadoras; venera aquilo que ele próprio criou; o sobre-humano é apenas uma aparência do humano, uma fata morgana em que a essência humana criadora se exterioriza. A aclaração desilusionadora dos fundamentos demasiado humanos de todos os 'ideais' leva, por conseguinte, não apenas ao desmoronamento da abóbada celeste religiosa, metafísica e moral que o homem ergueu sobre a sua existência, como ainda, e mais decisivamente, a **uma reviravolta do homem, uma conversão de sua posição fundamental, uma metamorfose da existência humana; o homem já não procura no exterior os seus objectivos, mas no interior de si próprio**, a 11*

*vida já não tem significado antecipadamente dado, já não está presa, já não é conduzida pela vontade de Deus, já não é conduzida em andadeiras pelas prescrições da moral, já não está condicionada por um ultra-mundo metafísico que fica para além do mundo dos fenômenos, já não é travada por nenhuma força sobre-humana – tornou-se livre. O homem aprende que viver significa ousar, e a vida torna-se possível como experiência. Só agora é possível viver um sentimento da existência totalmente novo: a grande temeridade do espírito que não se reclama de nada, que é aberto a tudo e a todos, que a si próprio tem que fixar objetivo e rota. Nietzsche evoca em todos os tons esta atmosfera da partida, da ousadia suprema, compara-se mais de uma vez ao genovês Colombo<sup>29</sup>.*

\* Grifo nosso. N.A.

<sup>29</sup> FINK, Eugen - op.cit. pp. 55-56

\* Grifos nossos. N.A.

<sup>30</sup> FINK, Eugen - op. cit., p.57

\* Grifo nosso. N.A.

<sup>31</sup> FINK, Eugen - op. cit. p.59

<sup>32</sup> FINK, Eugen - op. cit., pp.61.

"A vida é uma experiência". Na ousadia da aceitação e afirmação deste caráter experimental da vida é que se funda a *gaya ciência* nietzscheana, a sua ciência alegre. Na temeridade da eleição como guia da própria vida em suas perspetivações experimentais. Na interpretação e interpretação e experimentação destas perspetivações.

"A figura do espírito livre distancia-se cada vez mais da imagem do desmascarador gélido e crítico e surgem mais fortes **os traços do tipo humano ousado e experimentador que faz experiências com a vida**<sup>30</sup>.

"Na Aurora e na Gaia Ciência cumpre-se inconfundivelmente a desmontagem da imagem do homem nascida da psicologia do desmascaramento; **a grandeza da existência é agora vista na temeridade do pro-jeto, na experimentação\* que põe à prova a liberdade para com Deus, a Moral a Metafísica**<sup>31</sup>.

A experimentação passa assim a definir o cerne da perspectiva nietzscheana, à medida em que esta liberta-se dos Idealismos, constituindo-se em específico como uma conversão da existência, que passa dar-se a si própria como referência, na ousadia do estilo experimental de uma vida que experimenta, liberta do idealismo, e fundada em seus pulsos experimentais.

Fink<sup>32</sup> observa o caráter antropológico da conversão nietzscheana no sentido da assunção da vida como experimento e como experimentação. Trata-se, na verdade, da desalienação do homem, e da assunção nele próprio, e não em figuras idealmente alienadas, de tudo que ele tem efetivamente de santo, de artista, de sábio. Trata-se, na verdade, da metamorfose do santo, do artista e do sábio, em espírito livre:

"O espírito livre é antes a metamorfose do santo, do artista e do sábio, (...) eles são apenas possíveis na medida em que o homem se esqueceu de si como autor destes projectos, na medida em que não conhece a sua secreta qualidade criadora, na medida em que supõe Deus no exterior, encara a moral como uma lei de costumes estranha e que o amarra, considera o Aquém apenas como aparição de um além mais real. O Espírito Livre é a 'consciência de si' do santo, do artista, do filósofo metafísico, a chamada a si dessas figuras de alienação, a sua conversão. Só isto representa o sentido filosoficamente central do Espírito Livre: ele é a verdade da vida alienada e esquecida de si própria.

Fink<sup>33</sup> prossegue, comentando a implicação do sentido mais profundo da conversão existencial que se constitui na concepção do *espírito livre*, na concepção nietzscheana da vida como experimento.

Mas isto significa também que **o Espírito Livre não é nenhuma atitude que se poderia tomar e conservar, ele não é nenhuma 'atitude' que se afecta, mas uma conversão da existência, o acontecimento do retorno a 12**

**si de todo aquele que se ultrapassou na transcendência, isto é, o espírito livre é a libertação do homem que se torna senhor de si, que adquire a soberania sobre si próprio. (...) A libertação do homem dá-se portanto através da consciência de que o ser em si, a transcendência do bem, do belo e do sagrado é apenas uma transcendência aparente, uma transcendência projectada pelo homem mas esquecida como tal. Esta tomada de consciência não é uma simples reflexão, significa antes a vitória sobre um esquecimento de longa data, a recuperação no campo da própria vida de todas as tendências vitais para a transcendência. Esta 'óptica da vida' permanece o tema fundamental de Nietzsche, que o desenvolve em diversos graus de intransigência."**

Liberta a vida do peso dos Idealismos, a criatividade é a grande descoberta para o espírito livre, na assunção de uma *atitude experimental da existência*, e na constituição de sua *gaya ciência experimental*:

"O Espírito Livre descobre-se a si próprio como criador de valores e adquire com esta descoberta a possibilidade de criar novos valores, de revolucionar todos os valores. O ponto de partida da filosofia dos valores encontra-se essencialmente na metamorfose do santo, do artista e do sábio em 'Espírito Livre', reforça-se até, quanto mais Nietzsche se passa da simples vivissecação crítica e desconfiada, fria, gélida até, dos sentimentos morais para **uma atitude experimental da existência, para a leveza de dançarino do príncipe Vogelfrei, para a Gaia Ciência**. A partir deste aspecto ele compreende no seu conceito de 'idealismo' as três maneiras de existir da grandeza humana, aprisionadas na servidão de uma transcendência aparente<sup>34</sup>."

<sup>34</sup> op.cit., p.62

<sup>35</sup> op.cit., p.63

\* Grifo nosso. N.A.

<sup>36</sup> op. cit., pp. 65-6

<sup>37</sup> op. cit., p.67

**"...o homem é concebido como o ser que se supera a si próprio, o idealismo é invertido: todas as transcendências são expressamente buscadas dentro do homem, pelo que lhe é conferida assim a máxima liberdade de criação audaciosa. O sentimento de que só com o fim do idealismo aparecerão as grandes possibilidades do homem domina Nietzsche, é a sua gaya scienza<sup>35</sup>."**

"No Zarathustra brota, à semelhança de uma força da natureza **o espírito do empreendimento mais audacioso, o espírito da vida que experimenta\***, esse espírito que atravessou como uma corrente subterrânea A Aurora e A Gaia Ciência, que, **adulterando e dissociando toda a atitude científica**, se propagou como um frémito na personagem do 'Espírito Livre' e que tornou tão ambíguo o seu perfil.

**Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu carácter de empreendimento audacioso; rejeitar os pesos opressivos que são Deus, a moral, e o Além, que do exterior determinam o homem, o limitam e o conduzem em andadeiras; obter para a liberdade humana um novo espaço onde ela se possa instalar num quadro totalmente novo e empenhar-se em novas tentativas vitais – é nisto que consiste a tendência subterrânea da 'filosofia da manhã' de Nietzsche<sup>36</sup>."**

"...a máxima liberdade de criação audaciosa... o espírito do empreendimento mais audacioso, o espírito da vida que experimenta... Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu carácter de empreendimento audacioso. Tal é o sentido da perspectiva experimental da existência, da experimentação perspectivativa, em Nietzsche. Da libertação e superação dos idealismos e da alienação da existência, da centração na, entrega e afirmação da concretude da existência em suas forças. A afirmação da força criativa da vida em sua poiesis é o sentido da experimentação perspectivativa nietzscheana.

Comentando uma ousada frase, no *Zarathustra*, Fink<sup>37</sup> observa: 13

"A frase que acabamos de citar contém este passo memorável de que o verdadeiro poeta é aquele que cria a verdade."

E acrescenta:

"Para Nietzsche, o poeta é aquele cuja **POIESIS** visa à verdade original, ao nascer de uma nova concepção do mundo. (Fink, E., 1983, p.67).

Este o sentido mais geral da experimentação e do experimental em Nietzsche: o da existência experimental, do estilo experimental, de uma vida que experimenta (-se) e cria (-se).

Se falamos de **poiesis** no sentido especificamente poético, que engendra e gera o poético e o poema, não podemos esquecer de que a própria vida, e nosso *ser-no-mundo* engendram-se como *poiesis*. Poiesis da qual se destaca como um farol, como dimensão própria e característica, o poético e o poema. A poiesis como geração e engendramento da própria vida, da própria existência, no sentido de sua afirmação, sempre experimental, o caminho através do qual se pode tornar-se o que se é..., a experimentação. Como afirmação perspectivativa, a afirmação poética é sempre experimental. Trata-se, para Nietzsche, e, creio, para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, de assumir e afirmar, o caráter desta afirmação poética experimental. Poético somos todos nós, experimentemo-nos na poiesis do *nosso* devir-no-mundo. Libertar-nos para esta ousadia, para esta modesta audácia de toda hora e de toda a vida, é o sentido de uma existência experimental, da experimentação e do perspectivismo. 14

## **PERSPECTIVAÇÃO, PERSPECTIVA, PERSPECTIVISMO. Drible de Corpo na Consciência.**

*'Drible de corpo' é quando o corpo tem presença de espírito.*

(Chico Buarque de Holanda)

*Onde queres revólver sou coqueiro, onde queres dinheiro sou paixão  
Onde queres descanso sou desejo, e onde sou só desejo queres não  
E onde não queres nada, nada falta, e onde voas bem alta eu sou o chão  
E onde pisas no chão minha alma salta, e ganha liberdade na amplidão  
Onde queres família sou maluco, e onde queres romântico, burguês  
Onde queres Leblon sou Pernambuco, e onde queres eunuco, ganhão  
E onde queres o sim e o não, talvez, onde vêes eu não vislumbro razão  
Onde queres o lobo eu sou o irmão, e onde queres cowboy eu sou chinês  
Ah, bruta flor do querer, ah, bruta flor, bruta flor  
Onde queres o ato eu sou o espírito, e onde queres ternura eu sou tesão  
Onde queres o livre decassílabo, e onde buscas o anjo eu sou mulher  
Onde queres prazer sou o que dói, e onde queres tortura, mansidão  
Onde queres o lar, revolução, e onde queres bandido eu sou o herói  
Eu queria querer-te e amar o amor, construímos dulcíssima prisão  
E encontrar a mais justa adequação, tudo métrica e rima e nunca dor  
Mas a vida é real e de viés, e vê só que cilada o amor me armou  
E te quero e não queres como sou, não te quero e não queres como és  
Onde queres comício, flipper vídeo, e onde queres romance, rock'n roll  
Onde queres a lua eu sou o sol, onde a pura natura, o inceticídeo  
E onde queres mistério eu sou a luz, onde queres um canto, o mundo inteiro  
Onde queres quaresma, fevereiro, e onde queres coqueiro eu sou obus  
O querer e o estares sempre a fim do que em mim é de mim tão desigual  
Faz-me querer-te bem, querer-te mal, bem a tí, mal ao querer assim  
Infinítivamente pessoal, e eu querendo querer-te sem ter fim  
E querendo te aprender o total do querer que há e do que não há em mim  
(O Quereres. Caetano Veloso)*

*A partir de agora, senhores filósofos, guardemo-nos melhor, portanto, da perigosa e velha patranha conceitual que criou um "sujeito puro do conhecimento, sujeito alheio à vontade, à dor, ao tempo", guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como "razão pura", "espiritualidade absoluta", "conhecimento em si": -- se nos pede sempre aqui pensar um olho que de nenhuma maneira pode ser pensado, um olho carente absoluto de toda orientação, no qual deveriam estar entorpecidas e ausentes as forças ativas e interpretativas, que sem dúvida são as que fazem com que o ver seja ver-algo, se nos pede sempre aqui, portanto, um contrasentido e um não-conceito de olho. Existe unicamente um "conhecer" perspectivista; e quanto maior for o número de afetos aos quais permitamos dizer a sua palavra sobre uma coisa, quanto maior for o número de olhos, de distintos olhos que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, tanto mais completo será o nosso "conceito" dela, tanto mais completa será a nossa "objetividade". Mas eliminar em absoluto a vontade, deixar em suspenso a totalidade dos afetos, supondo que pudéssemos fazê-lo: Como? Não significaria isso castrar o intelecto?...*

### **F. Nietzsche**

**Formatado:** Recuo de corpo de texto, Tabulações: Não em 4 cm **Formatado:** Recuo de corpo de texto, Nenhum, Tabulações: Não em 4 cm **Formatado:** Recuo de corpo de texto, Tabulações: Não em 4 cm **Formatado:** Recuo de corpo de texto, Nenhum, Tabulações: Não em 4 cm **Formatado:** Recuo de corpo de texto, Tabulações: Não em 4 cm15

O que se experimenta na afirmação é a intensificação do momentum da perspectivação. De modo que a perspectivação é o sentido próprio da experimentação. Experimentação é perspectivação.

Diante das peculiaridades e dos imperativos da consciência, como dimensão da vida humana, da vida coletiva; diante das distorções e supervalorização da consciência. A perspectivação experimental é o modo como a vida singular e vivida se manifesta, na afirmação de suas forças, que atravessam a consciência, mas que vigem, e constituem-se e enraizam-se na vida instintual, não e trans consciente. A perspectiva é a nossa condição mais básica, de ser, de conhecer, de avaliar. Trata-se, pois, da conseqüência para com esta condição. O perspectivismo, com o reconhecimento do caráter ilusório e relativo da perspectiva, e, mesmo assim, assumindo a sua integral afirmação, é conseqüente para com esta condição da vida original.

De modo que o perspectivismo, a perspectivação, constituem-se como um *drible de corpo na consciência*, na medida em que inicia por uma específica perspectivação e relativização do próprio império da consciência, valorizando os pulsos e fluxos da vida instintual, valorizando a cada instante, especificamente, a desmesura da consciência, na afirmação do momentum de intensificação da perspectiva vivida.

O perspectivismo, aqui considerado ao nível da existência, tem, na verdade, raízes mais abrangentes Nietzsche, como esclarece Scarlett Marton<sup>38</sup>, entende-o já de uma perspectiva cosmológica.

<sup>38</sup> MARTON, Scarlett - *O Eterno Retorno do Mesmo. Tese cosmológica ou imperativo ético.* in NOVAES, Adauto - *ÉTICA*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Companhia das Letras, 1992. p.213.

<sup>39</sup> NIETZSCHE, F. - *Prólogo in HUMANO DEMASIADO HUMANO. Um Livro para Espíritos Livres*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997 pp.16-8

*É preciso levar em conta, adverte (Nietzsche), 'o perspectivismo necessário mediante o qual cada centro de força -- e não unicamente o homem -- constrói a partir de si mesmo todo o resto do mundo, isto é, mede segundo sua força, tateia, dá forma...' (14 (186) da Primavera de 1888). Uma configuração de forças tem em relação a tudo mais sua meneara de apreciar, de agir e reagir. Da sua perspectiva, ela organiza o mundo. É impossível impedir que procure impor sua interpretação ao que a cerca; no fim de contas, a vontade de potência é impulso de apropriar e dominar. É igualmente impossível evitar que se defronte com as demais interpretações; afinal, a luta não admite trégua, nem prevê termo. Ao conceber o mundo como campos de forças instáveis em permanente tensão, o filósofo acaba por ressaltar o seu traço perspectivaste.*

Viver, tornar-se o que se é, é assumir-se e afirmar-se como perspectiva.

Comentando, no *Prólogo do Humano Demasiado Humano*, as dificuldades de constituir-se ele próprio como uma *perspectiva*, a sua própria perspectiva, dono de sua própria veracidade, Nietzsche<sup>39</sup> fala dos *espíritos livres*, para cuja vinda ("*disso sou eu quem menos gostaria de duvidar*") ele espera contribuir. Fala da solidão e do isolamento do processo próprio da constituição do espírito livre, da sua perplexidade diante da solidão e do isolamento, da sua libertação, e especificamente do sentido destes,

*Por essa altura, pode acontecer finalmente, entre súbitos clarões de saúde ainda tempestuosa, ainda instável, que para o espírito livre, cada vez mais livre, comece a revelar-se o enigma dessa grande separação, que, até então esperara, obscuro, suspeito, quase intocável na sua memória. Se, durante muito tempo, mal ousava perguntar 'porquê tão de parte? Tão só? Rejeitando tudo que eu venerava? Rejeitando a própria veneração? porquê esta dureza, esta desconfiança, este ódio contra minhas próprias virtudes?' -- agora ele ousa e pergunta-o em voz alta e até já ouve qualquer coisa, a modo de resposta à pergunta. **'Tu devias tornar-te senhor de ti próprio, senhor** 16*

**também de tuas próprias virtudes.** Dantes, eram elas senhoras de ti, mas elas apenas podem ser teus instrumentos, a par de outros instrumentos. Devias adquirir domínio sobre o teu pró e contra e aprender a desengatá-los e engatá-los de novo, conforme o teu superior desígnio. **Devias aprender o elemento perspectivo que há em toda apreciação -- a deslocação, a deformação e a aparente teleologia dos horizontes e tudo o mais que pertence ao domínio da perspectiva; também a grande tolice com respeito aos valores opostos e todo o pre juízo intelectual, com o qual cada pró e cada contra se faz pagar. Devias entender a injustiça necessária em cada pró e contra, a injustiça como inseparável da vida, a própria vida como condicionada pela perspectiva e sua injustiça. Devias, sobretudo, ver com os próprios olhos onde a injustiça é sempre maior: a saber, onde a vida tem um desenvolvimento mais pequeno, mais restrito, mais escasso, mais inicial, e, apesar disso, não pode deixar de se tomar por finalidade e medida das coisas e, por amor a sua subsistência, esmigalhar secreta, mesquinha e incessantemente o que é superior, maior e mais abundante, pondo-o em causa -- devias ver com os teus olhos o problema da hierarquia e como poder, direito e amplitude da perspectiva crescem uns com os outros em altura. Devias...**<sup>40</sup>

A aprendizagem do *espírito livre*: **a própria vida como condicionada pela perspectiva e sua injustiça**. Na medida em que a devida afirmação da perspectiva conflitará sempre com outras perspectivas, e a outras vencerá, em seu próprio espaço, ainda que inevitavelmente revele sempre o caráter ilusório e meramente aparential de toda perspectiva e da própria vida. O que a filosofia de Nietzsche nos oferece é a constatação de que não nos resta muito além da afirmação perspectiva de nossas forças vitais, e que isto não é pouco, em termos do cultivo de uma abundância de forças de vida, e da criatividade de nosso devir-no-mundo.

A compreensão deste caráter perspectivo da vida, do conhecimento e dos valores é assim um sentido profundo da filosofia de Nietzsche.

*Perspectivo* tem no caso o sentido próprio do termo em desenho. A perspectiva é no desenho um "truque", uma ilusão, uma ilusão de profundidade numa superfície plana. Para tal, a perspectiva carece de certos recursos ilusórios, como, *a deslocação, a deformação e a aparente teleologia dos horizontes e tudo o mais que pertence ao domínio da perspectiva...*

Para Nietzsche, é precisamente esta a natureza do real, do conhecimento, do vivido, da avaliação, perspectiva, perspectivação. Nietzsche aponta como a realidade, o conhecimento e os valores são eminentemente perspectivos, como cada ato de conhecer e de avaliar configura-se como uma perspectiva carente de devida afirmação, e é em si mesmo, ao mesmo tempo, relativo e conflitivo com relação inevitavelmente a uma multiplicidade de possibilidades. A consciência conceitual, não é hábil para o trânsito pela variedade e pela variedade de intensidades das perspectivas que são inerentes a qualquer conhecimento e a qualquer avaliação, não é hábil para o perspectivismo do conhecimento e dos valores, para a perspectividade, ou seja, para a afirmação profunda e necessariamente ilusória das perspectivas, e para o trânsito instintual de sua alternância.

É a perspectivação que permite a libertação dos limites e impropriedades da consciência, e a expressividade, interpretação (no sentido existencial), da originalidade do ser, fundada no corpo, nos sentidos e no vivido. O jogo da perspectivação, a experimentação nietzscheana, constitui-se como um *drible de corpo na consciência* ("*O drible de corpo é quando o corpo tem presença de espírito*". Chico Buarque), que permite a expressividade de um ser, ativo e potente

e atual, sob o risco sempre de atrofiar-se, toldado pelas determinações dos limites gregários da consciência.

No capítulo, *Porquê escrevo livros tão bons*, de sua autobiografia, o *Ecce Homo*, Nietzsche<sup>41</sup> expressa o sentido de seu método, o sentido da perspectivação, o sentido de seu estilo. Nesta obra, Nietzsche perspectivou-se de um modo livre e intenso, a ponto de ser frequentemente entendido como louco... Loucura esta que um especialista como Freud negou-se a reconhecer. Dizia Nietzsche,

<sup>41</sup> NIETZSCHE, Friedrich - *ECCE HOMO*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 57.

<sup>42</sup> MARQUES, Antonio prefácio p. VIII

<sup>43</sup> MARQUES, Antonio prefácio p.IX

<sup>44</sup> ibid.

<sup>45</sup> MARQUES, Antonio, *Prefácio in HUMANO DEMASIADO HUMANO. Um Livro para Espíritos Livres.*

Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997 pp. IV-IX.

**Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos -- eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo -- a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos -- todas as leis do período são artes dos gestos.**

Ainda que afirmativas e afirmadas, as perspectivas são sempre deformantes, e subsistem conflitivamente na convivência com outras perspectivas que se lhes contrapõem, ou lhe são alternativas. A avaliação é perspectivativa.

*A avaliação é pois sempre deformante, por outras palavras, perspectivaste, e, o que é talvez mais relevante, envolve sempre uma qualidade conflitual em relação a outras que se encontram no mesmo espaço e susceptíveis de contradição mútua<sup>42</sup>.*

*O erro está no isolamento e na abstração<sup>43</sup>*

*No entanto é deste erro fundamental que nasce toda espécie de 'verdades'. A suposição de uma correspondência entre as nossas afirmações e as coisas do mundo apoia-se certamente na crença de entidades incondicionadas, desconexas, esquecendo o elemento perspectivaste, subjacente a todas essas afirmações<sup>44</sup>.*

O perspectivismo nietzscheano insurge-se assim como crítica da sobrevalorização da consciência, das verdades metafísicas e das contraposições de antípodas que esta sobrevalorização induz e possibilita. As verdades metafísicas e as contraposições configuram-se como isolamento e abstração do inter-jogo das perspectivações, e é isto que se caracteriza para Nietzsche como erro do juízo e da faculdade de avaliar.

Perspectivações, em suas intensidades e transmutações, são as possibilidades e possibilitações de nosso ser-no-mundo. De caráter intrínseca e inevitavelmente ilusório e injusto, face a sua intrínseca relatividade, são o que somos. São a vida em sua afirmação, uma possibilidade sempre aberta a nossa afirmação. De um modo tal que o sentido do trágico nietzscheano realiza-se exatamente na afirmação da ilusão que a (relativa) perspectiva configura.

A implicação da crítica nietzscheana à sobrevalorização da consciência, e a definição do caráter perspectivo de todo conhecimento e de todo valor, aliada à distinção de uma postura e de um método, o método perspectivativo, são expostos por Marques<sup>45</sup>:

*No Humano\*... começa a tomar forma um método de avaliação, começa por isso a exercitar-se um tipo de faculdade do juízo que há de consolidar-se em obras futuras. Este transforma o conceito envolvido no juízo em conceito problemático. Por exemplo, conceitos como os de altruísmo ou de liberdade incondicionada, tão usados na avaliação moral. A suspeita de que 18*

eles não sejam tão unos e delimitados e que funcionem como antípodas perfeitos tem o seu fundamento, como já vimos, na observação de qualidades contrárias que neles podem surgir. A partir daí a investigação histórica comprova o sem fundamento de sua pureza e perfeição. Nietzsche pensa nos erros da razão como uma crença nestas características dos conceitos e o método vai consistir numa espécie de observação em movimento, em que o observador compara, diferencia, persegue vestígios, continuidades e interrupções. É a tradução daquilo que se vem a chamar 'perspectivismo' e que Nietzsche no novo Prólogo da edição de 1886 já claramente define: **'Deverias aprender aquilo que em cada apreciação depende do elemento perspectivaste -- a deslocação, a deformação e a aparente teleologia dos horizontes e tudo o mais que pertence ao campo das perspectivas; também a grande tolice com respeito aos valores opostos e todo o prejuízo (preconceito-) intelectual, com o qual cada pró e cada contra se faz pagar'** (Prólogo 6). **O espírito livre (...) é pois aquele que ajuíza perspectivisticamente, isto é, que não esquece que a sua avaliação contém sempre o elemento da deslocação, da deformação, a finalidade aparente, enfim características perspectivistas inevitáveis. Tornando ainda mais clara a situação: não existem juízo e objecto avaliados puros fora de um sistema em que as próprias avaliações interagem e conflituam.** O comportamento a é bom: Se eu não contar com o elemento perspectivaste, posso no limite significar que a é bom de uma forma absoluta e sem relação com mais nada. Mas bom apenas é significante como bom enquanto: bom enquanto justo, enquanto altruísta, enquanto corajoso, etc. Do mesmo modo, justo enquanto..., corajoso enquanto... etc. **A avaliação é pois sempre deformante, por outras palavras, perspectivaste, e, o que é talvez ainda mais relevante, envolve sempre uma qualidade conflitual em relação a outras que se encontram no mesmo espaço e susceptíveis de contradição mútua. O juízo moral assente em conceitos separados e sem conexão recíproca, desconhecendo a sua íntima relação com os seus contrários num espaço interperspectivista, eis o erro que assolou todo o pensamento moral segundo o Humano\*...**

\* Preconceito. N.A.

<sup>46</sup> MARTON, Scarlett - *O Eterno Retorno do Mesmo. Tese Cosmológica ou Imperativo Ético*. in NOVAES, Aduino (org.) ÉTICA. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Companhia das Letras, 1992. p.207.  
(...)

**O erro na avaliação está no isolamento, na abstracção: 'ainda actualmente nós achamos, no fundo, que todas as emoções e acções são actos de livre vontade; quando o indivíduo que sente se observa a si próprio, pois toma cada sensação, cada alteração, por algo isolado, isto é, incondicionado, desconexo: surge de nós próprios, sem ligação com o anterior ou o ulterior (§18). No entanto é deste erro fundamental que nasce toda a espécie de 'verdades'. A suposição de uma correspondência entre as nossas afirmações e as coisas do mundo apoia-se certamente na crença de entidades incondicionadas, desconexas, esquecendo o elemento perspectivaste, subjacente a todas essas afirmações.'**

Desta forma a perspectivação, o perspectivismo, a perspectatividade é o que Nietzsche propõe, diante da sobrevalorização da consciência, e como modo hábil no sentido de permitir a expressividade do vivido instintualmente. O perspectivismo, a perspectivação, a perspectatividade, em seu exercício ativo, configuram o sentido da concepção do *experimental* para Nietzsche. *Experimentar* para Nietzsche é *perspectivar*, *experimentação* é *perspectivação*. Scarlett Marton<sup>46</sup> observa,

*Mais do que problema psicológico ou questão existencial, em Nietzsche, o experimentalismo é opção filosófica. Ao colocar um problema em seus múltiplos aspectos, abordar uma questão a 19*

*partir de vários ângulos, tratar de um tema adotando diversos pontos de vista, o filósofo está a fazer experimentos com o pensar. Não é por acaso, aliás, que privilegia o estilo aforismático; se perseguir uma idéia é abandonar várias outras pelo caminho, o que é o aforismo se não a possibilidade de perseguir uma idéia partindo de diferentes perspectivas? Adequado ao perspectivismo, o estilo que ele adota põe-se assim a serviço do experimentalismo.*

E a seguir<sup>47</sup>, citando Nietzsche:

<sup>47</sup> op cit. p.213.

*É levar em conta, adverte, 'o perspectivismo necessário mediante o qual cada centro de forças -- e não unicamente o homem -- constrói a partir de si mesmo todo o resto do mundo, isto é, mede segundo sua força, tateia, dá forma...'*

Filosofia, ciência, existência, psicologia e psicoterapia, experimentais, *perspectivativas*. 20

**PERSPECTIVAÇÃO EXPERIMENTAL E SENTIDO HISTÓRICO. Memória, Esquecimento e Perspectivação.**

Todo agir requer esquecimento. (F. Nietzsche)

Um aspecto importante a considerar com relação à possibilitação da perspectivação, é a relação desta para com a memória e para com a história, e o caráter de seu desdobramento, exatamente no lugar onde se enfraquece e subordina-se o sentido histórico, o lugar de um esquecimento. A perspectivação, pulsos e fluxos transconscientes, ainda quando não objetivada, é eminentemente ativa, é eminentemente ação. Isto implica-a de modo específico nas considerações que Nietzsche elabora a respeito das relações entre ação, memória e esquecimento<sup>48</sup>.

<sup>48</sup> Giglio Barbosa.

<sup>49</sup> NIETZSCHE, F. *Considerações Extemporâneas. II. Da Utilidade e desvantagem da História para a Vida* in NIETZSCHE. Os Pensadores., São Paulo, Editora Abril, 1983. p.58.

<sup>50</sup> NIETZSCHE, F. *ibid.*

<sup>51</sup> NIETZSCHE, F.

Todo agir requer esquecimento: assim como a vida de tudo que é orgânico requer não somente luz, mas também escuro. Um homem que quisesse sempre sentir apenas historicamente seria semelhante àquele que se forçasse a abster-se de dormir, ou ao animal que tivesse de sobreviver apenas da ruminação e ruminação sempre repetida. <sup>49</sup>

A própria felicidade e a possibilidade da ação estão para Nietzsche condicionadas por este enfraquecimento e subordinação do sentido histórico, e por sua vigência no meio de um esquecimento.

...nas menores como nas maiores felicidades é sempre o mesmo aquilo que faz da felicidade: o poder esquecer ou, dito mais eruditamente, a faculdade de, enquanto dura a felicidade, sentir a-historicamente. Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne os outros felizes. Pensem o exemplo extremo, um homem que não possuísse a força de esquecer, que estivesse a ver por toda parte um vir-a-ser: tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser: finalmente, como bom discípulo de Heráclito, mal ousará levantar um dedo<sup>50</sup>.

Para Nietzsche<sup>51</sup>, o excesso de memória é sintoma de um certo tipo de adoecimento. Naturalmente a memória é sujeita a um certo tipo de "digestão", que permite o bem estar da ação perspectívica. De modo que o excesso de memória é vivido tal como um distúrbio dispéptico, um "distúrbio do estômago", da digestão. O excesso de consciência, e, deste resultante, a memória excessiva, e uma exorbitância do sentido histórico, indica a impossibilidade da afirmação perspectívica do ser ativo de um devir transconsciente. A ação não guarda relação para com a consciência, da mesma forma que a ação, efetivamente perspectivação, dá-se necessariamente no âmbito de um esquecimento, de um 21

enfraquecimento da memória, de um hiato do sentido histórico, tal é a sua predominância ativa. E possa ser assim entendida e poderada a minha proposição: a história só pode ser suportada por personalidades fortes, as fracas ela extingue totalmente. (...) Quem não ousa mais confiar em si, mas involuntariamente, para sentir, pede conselho junto à história: "Como devo sentir aqui?", este se torna pouco a pouco, por pusilanimidade, espectador, e desempenha um papel, no mais das vezes até muitos papéis, e justamente por isso desempenha cada um deles tão mal e superficialmente.

O sentido histórico, quando reina irrefreado e traz todas as suas conseqüências, erradica o futuro, porque destrói as ilusões e retira às coisas a sua atmosfera, somente na qual elas podem viver. (...) Quando por trás do impulso histórico não atua nenhum impulso construtivo, quando não se está destruindo e limpando o terreno para que um futuro já vivo na esperança construa sua casa sobre o chão desimpedido, quando a justiça reina sozinha, então o instinto criador é despojado de sua força e de seu ânimo. (...)

O fundamento disso está em que, no cômputo histórico, sempre vem à luz tanto de falso, grosseiro, desumano, absurdo, violento, que a piedosa disposição à ilusão, somente na qual pode viver tudo que quer viver, é necessariamente desbaratada: somente no amor, porém, somente envolto em sombras pela ilusão do amor, o homem cria, ou seja, somente na crença incondicional na perfeição e na justiça. A todo aquele que obrigaram a não mais amar incondicionalmente, cortaram as raízes de sua força: ele tem de se tornar árido, ou seja, desonesto. Nestes efeitos, a história é o oposto da arte: e somente quando a história suporta ser transformada em obra de arte e, portanto, tornar-se pura forma artística, ela pode, talvez, conservar instintos, ou mesmo despertá-los<sup>52</sup>.

52 op. cit. 64-5.

Não se trata de simplesmente desqualificar, ou negligenciar a história, mas do entendimento de que, não a recordação ociosa, mas criá-la é a sua melhor celebração.

É na ênfase nesta perspectiva da historicização, como afirmação, que subordina a história ao vivido, que se constitui a possibilidade e a possibilitação da perspectivação.

Desproporcionalmente relativa com relação à memória, fundada no esquecimento, na subordinação do sentido histórico, criativa. Apanágio da grande saúde nietzscheana.

De modo que podemos entender, creio, que, enquanto vivência transconsciente: vivência da consciência em sua desmesura, vivência transsubjetivante, na verdade dessubjetivante, a perspectivação caracteriza-se como predomínio de forças ativas e incertas, ainda que instintualmente seguríssimas, decididas e decisivas, no ser de seus devires. E que, na sua ativa originalidade, não são uma memorização, não comportam a memória, e na verdade configuram-se em seus domínios como desmemorização, ou transmemorização, como esquecimento, porque de fato há a presentificação de intensidades mais importantes, na verdade mais interessantes, mais fortes e saudáveis, do que o lembramento, do que a memória e a memorização. A perspectivação, no deleite, na fruição de sua 22

**intensificação, é, assim, o aquecimento, a conquista do presente, a presentificação, a realiz/ação. Seu sentido histórico é este, o sentido da criação. E não esqueçamos a Perls<sup>53</sup>, e a sua pérola genuína, o núcleo do real é a ação. Ação, tão ativa, e de si imbuída, que esquecida: perspectivação, experimentação.**

\* MAFFESOLI, Michel -- A CONQUISTA DO PRESENTE.

<sup>53</sup> PERLS, Fritz - GESTALTHERAPY.

Em sendo assim, a filosofia da vida de Nietzsche define uma noção existencial do experimental e da experimentação que se configura como a assunção do perspectivismo e do método perspectivo. A perspectivação é, assim, neste sentido, o sentido do experimental e da experimentação. Através dos quais o homem atualiza o seu devir-no-mundo, cria-se e cria o mundo que lhe diz respeito, assumindo tornar-se e afirmar experimental e perspectivamente a vida que se afirma em si, a poiesis de ser-no-mundo.

É neste sentido que Perls<sup>54</sup> dirá que as questões existenciais só se podem resolver **experimentalmente**. É neste sentido que Rogers deriva a idéia de um modo de vida existencial (melhor diríamos, *experimental*), como um dos componentes de sua concepção do "funcionamento ótimo da personalidade".

A revitalização das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais depende, a meu ver, de um resgate e elucidação da originalidade desta noção existencial de experimentação, perspectivação, entendidas estas como a ousadia da interpretação que afirma o vivido.

#### 4. A Experimentação Fenomenológico Existencial em Gestalt Terapia

*O motivo de um ato vivo só adquire realidade no próprio ato.*  
(**Thomas Merton**, Mensagem aos Poetas.)

*Aqui, como em qualquer lugar, a única solução para um problema humano é a invenção experimental.*  
(**Fritz Perls**)

Talvez nada haja de tão próprio, e característico, em termos do sentido da Gestalt Terapia, quanto o seu caráter específica e eminentemente **experimental**.

A prática da Gestalt Terapia, o sentido de suas raízes mais vigorosas, sua história e cultura, as formulações de Perls, tudo isto aponta para um certo caráter decididamente experimental. Este sentido nem sempre fica muito claro. Em alguns momentos quase que se perde, ou distorce-se profundamente, na história, e em certas interpretações, da Gestalt Terapia.

A afirmação do sentido da Gestalt Terapia, a criação e a recriação de seu sentido conceitual, e do sentido de sua prática, requerem, de um modo fundamental, o resgate e a afirmação da especificidade de seu sentido experimental. O sentido do experimental e da experimentação fenomenológico existencial.

O presente ensaio busca contextualizar e caracterizar o sentido fenomenológico existencial *experimental* da Gestalt Terapia, a partir das influências históricas que atuavam no momento de seus desenvolvimentos originais. Buscamos assim comentar as implicações da crítica fenomenológica de Franz Brentano à Psicologia Experimental de Wundt, na constituição da Fenomenologia Moderna e na constituição do caráter

experimental da Gestalt Terapia; e a constituição deste caráter a partir da concepção do sentido profundamente experimental da perspectividade da filosofia da vida, da *gaya ciência*, nietzscheana. Comentamos, além disso, o modo como as concepções da fenomenologia hermenêutica de Heidegger podem contribuir para uma elucidação e desdobramento deste sentido experimental da Gestalt Terapia.

Queremos destacar como este sentido fenomenológico existencial experimental oferece um consistente fundamento filosófico para a Gestalt Terapia e o substrato básico para a sua concepção teórica e metodologia.

## **SOBRE AS RAÍZES DO SENTIDO DO EXPERIMENTAL EM GESTALT TERAPIA**

O caráter basicamente experimental em Gestalt Terapia funda-se numa disposição para assumir afirmativamente o vivido, e o processo hermenêutico de seu desdobramento, como referencial básico de criação, e de afirmação da vida, de avaliação e de orientação. Em especial, como um referencial de promoção da alegria, de uma superabundância de forças de vida, e do que Nietzsche chamava de *grande saúde*. Esta disposição, no desenvolvimento da civilização ocidental, já está presente na perspectiva da mentalidade trágica da Grécia pré-socrática. Mentalidade que é resgatada pela filosofia trágica de Nietzsche. Esta mentalidade vai ser o fundamento básico da perspectiva do *Expressionismo*, importante movimento das artes, originalmente na Alemanha e na França, no início do Século XX, espalhando-se depois pelo mundo. Podemos dizer que Gestalt Terapia é *expressionismo* em psicoterapia.

Tanto pela influência direta e indireta da Filosofia da Vida de F. Nietzsche, como pela direta influência do *Expressionismo*, a perspectiva da experimentação fenomenológico existencial passou de um modo forte para a concepção da condição humana, para a concepção e logos metódico da Gestalt Terapia.

O logos metódico e as concepções de Brentano são uma influência pouco conhecida, mas fundamental e incontornável, no desenvolvimento da perspectiva experimental da Gestalt Terapia. Brentano desenvolve a ontologia fenomenológica, e a referência no vivido, como postura fenomenológica. Mais que isto, Brentano entende o caráter argumentativo do Ser, o valor da aporia, num sentido existencial, e desenvolve o seu método e postura aporéticos como postura básica. A metodologia aporética de Brentano é uma raiz maior do caráter experimental da Gestalt Terapia. O logos metódico da Gestalt Terapia é, por influência de Brentano,

eminentemente aporético. Somos eminentemente *aporetófilos*, privilegamos a aporia, e a resistência à aporia, como modo de passagem, e de superação do limite.

É interessante observar que Perls, e os seus companheiros pioneiros no desenvolvimento da Gestalt Terapia, desenvolveram em si próprios como pessoas um profundo e arraigado sentido existencialmente experimental de ser. Tanto a partir das influências culturais, intelectuais, científicas e artísticas dos movimentos de que participavam na Berlim das primeiras décadas do Século XX, como a partir de suas próprias experiências de vida, no efervescente, tenso e conturbado ambiente da Alemanha de então. Foram pessoas que passaram por experiências extremas de perseguição genocida, de emigração em condições extremamente precárias e perigosas, de passagem por mundo nos quais não tinham crescido, e de imigração difícil mas excitante num mundo completamente novo. Para tal, apesar das dificuldades, estavam preparados para a superação e a criação, a partir, dentre outros fatores, da arraigada postura existencialmente experimental que haviam desenvolvido, e que vai ter um papel fundamental no desenvolvimento dos fundamentos filosóficos, da concepção e método da Gestalt Terapia.

Na medida em que aqueles movimentos intelectuais, científicos e artísticos, a eferverscência cultural da Alemanha de então, foram destroçados pelo desenvolvimento do Nazismo, Perls e os pioneiros da Gestalt Terapia emigraram, e foram, no Novo Mundo, como que sobreviventes de um naufrágio, náufragos desses movimentos destroçados. Traziam arraigado em si o sentido de transmiti-los à nova realidade em que aportavam.

De modo que os fundamentos de sua própria postura, profunda e decididamente experimental, num sentido especificamente fenomenológico e existencial, contribuíram vigorosa e decididamente para o desenvolvimento da formulação e da prática da Gestalt Terapia.

Uma das características mais fundamentais desta postura fenomenológico existencial experimental é a de ser ela **um empirismo**. Um empirismo num sentido particular, é certo, uma vez que não é um empirismo objetivista, não é um empirismo do objeto, mas *um empirismo do vivido*.

A concepção de *empirismo* diz respeito<sup>2</sup> a uma abordagem da realidade a partir da própria vivência da tal realidade, e não a partir de pressupostos teóricos. *Empirismo* é a abordagem da realidade na própria vivência da realidade, ao invés de uma abordagem a partir da teoria.

<sup>2</sup> LALANDE, André **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

Como abordagem da realidade na própria vivência fenomenal dela -- modo de ser pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-teórico -- a Fenomenologia, tal como desenvolvida na tradição de Brentano, é especificamente um empirismo. Mas um empirismo que parte da perspectiva inalienável da intencionalidade da relação sujeito-objeto, consciência-mundo. Diversamente do empirismo objetivista, que não só privilegia a dicotomização sujeito-objeto, como instâncias em si, como privilegia o pólo objeto, em contraposição com a consciência. Seguindo a Aristóteles, e se distinguido de outras tendências do Empirismo, em especial dos empirismos objetivistas, a particularidade das concepções de Brentano é a de que elas constituem *um empirismo da consciência*. Um empirismo *do vivido*.

Retomando a Aristóteles, Brentano funda, assim, a Fenomenologia como um empirismo do vivido, e a *psicologia de um ponto de vista empírico*, como *psicologia do ato*.

O caráter especificamente fenomenológico do empirismo da Fenomenologia não foi, em geral, bem entendido, em sua especificidade, pela cultura da Gestalt Terapia, pela cultura da Psicologia Fenomenológico Existencial, e da Psicologia Humanista Norte Americanas. Desta forma, foi freqüentemente mal entendido o caráter do empirismo fenomenológico da perspectiva da experimentação fenomenológico existencial, própria a Gestalt Terapia. O empirismo fenomenológico foi amplamente confundido com o empirismo objetivista do empirismo inglês e do Pragmatismo. Isto levou a má interpretações e a distorções de todo tipo, como, por exemplo, entender a Gestalt Terapia como um *comportamentalismo fenomenológico*. A Gestalt Terapia é, na verdade, um *empirismo fenomenológico*, e não um *comportamentalismo fenomenológico*. (O que se configura como uma contradição em termos. E, evidentemente, que não apenas *em termos*).

Em se tratando de Perls, como sintetizador da Gestalt Terapia, por outro lado, não é de se negligenciar o fato de que tratava-se de um médico, não de um filósofo ou psicólogo. Ou seja, tratava-se de alguém treinado na prática de um empirismo objetivista, e na Medicina, com uma certa dificuldade para entender a sutileza das especificidades da Fenomenologia.

Além de ser um escritor com sofrível, e com dificuldades com o inglês. De modo que, apesar de compreender e vivenciar profundamente o sentido de um empirismo fenomenológico, aprendido em particular por vias não acadêmicas, como o teatro e arte em geral, por exemplo; e de este modo empírico de ser ter se tornado para ele um imperativo não só intelectual, mas um imperativo profundamente existencial, Perls não poderia tratá-lo em profundidade e especificidade teórica e filosófica; alheias a sua formação profissional. De modo que o sentido especificamente

fenomenológico e existencial do caráter experimental particular da Gestalt Terapia permaneceu muito mais implícito do que explicitado em suas formulações. Caindo num meio de um empirismo fortemente objetivista, e pragmatista, a possibilidade de mal entendidos e confusões foi profunda.

Do lugar, histórico, geográfico, cultural, de nossa recepção particular da Gestalt Terapia, podemos ver em perspectiva a sua genealogia e o seu desenvolvimento, a partir do sentido da perspectiva da experimentação fenomenológico existencial. Podemos compreender melhor os fundamentos da Fenomenologia, na medida em que só posteriormente vieram a se desenvolver e explicitar. Mais que isto, acredito, precisamos compreender esta genealogia e este desenvolvimento, para recebermos a herança da Gestalt Terapia e a ela fazermos jus, em nosso tempo e lugar.

Tudo que vimos comentando sobre o sentido do experimental na perspectiva fenomenológico existencial aplica-se, assim, de um modo muito especial e específico à Gestalt Terapia. Ou seja, é da evolução deste sentido fenomenológico existencial do experimental que se desenvolve o sentido do experimental próprio à Gestalt Terapia\*.

\* Sobre o sentido do “Experimental” em Gestalt Terapia, ver neste livro o capítulo **Perspectivações Acerca da Experimentação Fenomenológico Existencial em Gestalt Terapia**. Ver, também o livro FONSECA, Afonso H L **Experimentação**. Maceió, Pedang, 2005.

<sup>3</sup> Ver o capítulo **A Tradição Fenomenológica do ato, de Brentano, e a Experimentação em Psicologia e Psicoterapia**.in FONSECA, Afonso H L **Experimentação**. Maceió, Pedang, 2005.

Buscar entender, assim, o sentido do empirismo fenomenológico, e do método aporético, e o relativismo da ciência natural aristotélica, é, certamente, entender o sentido especificamente experimental da Gestalt Terapia. Em particular tal como eles são apropriados por Franz Brentano, no desenvolvimento empirista e aporético da abordagem de sua Fenomenologia, e de sua Psicologia Fenomenológica Empírica. Aristóteles e Brentano, juntamente com Nietzsche, Buber e Kierkegaard são definitivamente os precursores mais remotos e mais proeminentes da Gestalt Terapia. No caso da Psicologia da Gestalt, não podemos deixar de entender ser Brentano o seu fundador, tendo transmitido a sua inspiração inicial a Carl Stumpf, que, por sua vez, transmitiu-a a Max Wertheimer, a Kurt Koffka e a Wolfgang Köhler. Kurt Goldstein uniu-se a Max Wertheimer e aos outros, e certamente através deles Fritz Perls inteirou-se das perspectivas da Psicologia da Gestalt, e do experimentalismo aporético de Brentano.

Brentano, como observamos<sup>3</sup>, contestou o sentido do experimental, e o próprio sentido da Psicologia de W. Wundt. Se, por um lado, Brentano não nos legou uma concepção alternativa da Psicologia *Experimental* – em

particular porque foi cauteloso com o sentido de uma ciência experimental em psicologia<sup>4</sup> -- a ele devemos um novo sentido, fenomenológico e empírico, da psicologia, e do método em psicologia. Mais que isto, Brentano nos legou, e à Filosofia, um método empirista e aporético de abordagem da consciência, aparentemente aparentado da perspectatividade aporética nietzscheana, e que pode, acredito, ser entendido, num sentido fenomenológico e existencial, como um método experimental. Já bem distante, agora, da concepção do *experimental* de Wundt.

<sup>4</sup> ALBERTAZZI, Liliana. LIBARDI, Massimo, POLI, Roberto **The School of Franz Brentano**. Dordrecht: Nihoff, 1996.

5 op.cit.

A metodologia aporética funda-se no caráter **especulativo**, **argumentativo** do ser, do vivido, do fenômeno, da palavra. Na *atualização* de uma possibilidade do ser, esta possibilidade em atualização perde cada vez mais em sentido, na medida em que realiza-se: e perde em possibilidade, passando a possibilitar e a significar cada vez menos. Porque, a possibilidade em atualização significa cada vez mais, potencializa-se, na medida em que constitui o seu sentido, na atualização, ao mesmo tempo em que este sentido, livre de um enclausuramento, constitui-se na tensão com possibilidades de sentido pré-configuradas, pré-compreendidas e ainda não explicitadas, o que potencializa-lhes a explicitação. A disposição do método aporético segue a atualização do sentido da possibilidade de ser, na sua configuração, mas não mergulha no abismo de seu em si mesmamento, no qual ela perde progressiva e inexoravelmente todo o seu sentido. A disposição do método aporético reconhece que o poder do sentido do explícito, do vivido, do dito, do fenômeno, do ente, vincula-se necessariamente ao poder (*poietico*) do não explicitado, do não vivido, do não dito, possibilidade do ser. De modo que a disposição aporética configura-se no movimento da explicitação, atualização, do sentido da possibilidade do ser; e, igualmente, no movimento da pregnância da possibilidade do vir a ser, que potencializa o sentido da possibilidade atualizada, na configuração de seus possíveis. Assim, o método aporético prima por seguir o explicitado, no fluxo de suas forças próprias de explicitação, de atualização, ao mesmo tempo em que, no limite da sua afirmação, abre-se para as novas possibilidades, aceitando e afirmando o fluxo do devir. Na verdade, trata-se do movimento e percurso no círculo hermenêutico, nos quais a parte esclarece-se, e constitui-se, não apenas na sua partidaridade e no sentido atualizado de sua partidaridade, mas, igualmente, na pertinência às possibilidades do todo – todo que é diferente da soma das partes. No círculo hermenêutico, o movimento aporético configura a explicitação da parte, mas “retorna” às possibilidades da configuração do

todo, que constitui novas partizações, que potencializam e refundem o sentido das partes atualizadas.

Pablo Neruda<sup>6</sup> lida primorosamente com esta questão, na intensa afirmação, aparentemente ambígua, de sua declaração, ao abordar a força do sentido inefável de amar:

<sup>6</sup> **NERUDA, Pablo**

*Saberás que te amo e que não te amo, Posto que de dois modos é a vida. A palavra é uma asa do silêncio, O fogo tem uma metade de frio. Eu te amo para começar a amar-te, Para recomeçar o infinito E para não deixar de amar-te nunca: Por isso não te amo todavia. Te amo e não te amo como se tivesse Em minhas mãos as chaves da fortuna E um incerto destino desditoso. Meu amor tem duas vidas Para amar-te Por isso, te amo quando não te amo E te amo quando te amo.*

(Pablo Neruda)

Assim sendo, em Gestalt Terapia, por exemplo, o cliente “é”, intensamente, a *montanha* de seu sonho, em toda a sua majestade, solidez e altitude, que alcança as nuvens... a enormidade de suas dimensões e quietude... Mas também não é... E “é”, igualmente, com alegria e intensidade, comovido, o pequeno caminho que ele trilha por algum pequeno lugar naquela mesma montanha... E intensamente é, mas igualmente não é... É ele próprio no seu sonho, diferente do que ele “na verdade”, na “vida real”, é, na sua vida cotidiana, vestido de um modo diferente, em alegres tons de amarelo... Ele “é” o tigre que caminha soberbo e sem pressa pelo bosque acima do caminho, e do qual ele não tem medo... ele “é” *um não ter medo*, um não ter medo de um animal tão forte e feroz, a m e d r o n t a d o r, ...o tigre, animal que ele igualmente “é” ...e não é só, e não é mais, e é diferente... Ele é bosque, tranqüilo e ensombrecido, onde

vive o tigre, tapete de folhas caídas, luz cristalina que se filtra intensa pelas brechas no teto de copas...

*Montanha, caminho, o próprio cliente no sonho, o tigre, o não ter medo, o bosque*, são qualitativos e irreduzíveis. Cada um tem a importância do seu sentido e lugar próprios. Mas nenhum faz sentido de per si, cada um convoca necessariamente outro, ou outros, na tensão da multiplicidade atual de sua configuração; cada um, e a configuração de sua atualização, convocam a dimensão de um não explicitado, de um não atualizado, fonte que não cessa de fluir e explicitar, atualizar, novidades de possibilidades (*poiese*).

De modo que o sentido que se engendra no aporético, e o próprio sentido da parte, não pode estar no exclusivismo da *viagem* da parte. Uma vez que ele se constitui organicamente na aquiescência com os outros, e com a tensão com os outros, sentidos que se configuram e que emanam da configuração do sentido das outras partes, e da configuração do sentido da multiplicidade do todo. A aporese é a afirmação plena do interesse do sentido de uma possibilidade, e a aquiescência com a emergência da força dos sentidos que emanam das totalidades de que ela é partícipe.

Esta consideração por este caráter *argument ativo, especul ativo*, da consciência, da vivência, do ser no mundo, da palavra, e a disposição de configurá-lo em suas dinâmicas e movimento propriamente pré-reflexivos e pré-conceituais, sem o concurso de pressuposições teóricas, é própria do empirismo aporético de Brentano em filosofia e psicologia.

Abordagem que ele preferiu designar de *Empírica*, ao invés de “*experimental*”. Uma vez que ele não acreditava, que dado a sua natureza própria, a consciência pudesse ser objeto de experimentação, ao modo das ciências físico-químicas e biológicas, como pretendia Wundt.

Parece, assim, evidentemente, da maior importância atentar ao *empirismo* aporético brentano da consciência, na compreensão e desdobramento do sentido específico do *experimental* em Gestalt Terapia, uma vez que este empirismo está na base do desenvolvimento da Psicologia da Gestalt e da própria Gestalt Terapia. E, em particular, diante do fato de que o *empirismo aporético* de Brentano em muito se assemelha à experimentação e à perspectividade nietzscheanas, que tanto influenciam a filosofia da vida, a concepção e o logos metódico da Gestalt Terapia.

De um modo tal, que não parece nada impróprio dizer que a Gestalt Terapia é um empirismo aporético -- e *experimental*, diríamos -- da consciência.

M. Wertheimer, K. Koffka e W. Köhler, os conhecidos fundadores da Psicologia da Gestalt – e K. Goldstein foi certamente influenciado decisivamente --, foram alunos de Karl Stumpf, o mais dileto discípulo de

Brentano. Conhecendo-se o empirismo brentaniano da consciência, facilmente se identifica e entende como o sentido deste empirismo se constitui no estilo da Gestalt Terapia, e da chamada Psicologia Humanista em geral.

Muitas, e significativas, contribuições outras de Brentano – tais como, a concepção de consciência como totalidade diferente da soma das partes, a concepção do modo de abordar a consciência a partir da *percepção interior*, e não da *introspecção*; as concepções relativas às relações entre parte e todo na totalidade da consciência; etc. – tudo isto passou para os Perls a partir da contribuição de Brentano, via Stumpf, Wertheimer e Goldstein.

Por outro lado, é definitivamente fundamental a presença específica das perspectivas de Nietzsche na concepção especificamente experimental da Gestalt Terapia. Falecido quase que anônimo, em 1900, a sua presença tornou-se rapidamente poderosa no meio intelectual e artístico da Alemanha entre esta data e o início da década de 30 do Século XX. Além de uma influência filosófica direta, e através dos desenvolvimentos do Existencialismo, a influência de Nietzsche alcança os Perls tanto diretamente como através do Movimento do Expressionismo alemão, que foi profundamente influenciado por Nietzsche. O Expressionismo teve em Nietzsche o seu principal e mais influente filósofo<sup>7</sup> -- e, mais especificamente, neste movimento, o Movimento do Bauhaus, influenciado por Nietzsche<sup>8</sup>, e que teve uma marcante influência sobre os Perls.

<sup>7</sup> CARDINAL, Roger **O Expressionismo**. Rio, Jorge Zahar, 1984.

<sup>8</sup> *ibid.*

<sup>9</sup> DELEUZE, Gilles **Nietzsche e a Filosofia**. Rio, Editora Rio, 1976.

Por outro lado, Nietzsche passou a frequentar a Psicanálise e as concepções de psicoterapia através da aquiescência de Otto Rank, que passou a orientar-se profundamente a partir da perspectiva nietzscheana, na constituição de suas idéias de uma *psicoterapia da vontade*. Rank teve uma profunda influência sobre Perls (igualmente sobre Rogers). E, através desta influência, as perspectivas de afirmação irrestrita da vida e do experimentalismo perspectivativo nietzscheano chegaram fortemente, também, à Gestalt Terapia.

Otto Rank, como um psicoterapeuta de raiz nietzscheana – *Estou para Freud assim como Nietzsche está para Schopenhauer*, costumava dizer<sup>9</sup> --, teve, assim, uma grande influência sobre Perls, e é também um

canal através do qual a influência da atitude experimental nietzscheana se constitui na Gestalt Terapia.

Assim, a Filosofia da Vida de Nietzsche está presente de diversas formas seminais na disposição experimental específica da Gestalt Terapia. Na atitude básica de aceitação e de irrestrita afirmação da vida, em seu caráter experimental próprio -- *o estilo experimental de uma vida que experimenta* (Fink) --; a compreensão e afirmação da finitude inevitável, e do seu sofrimento, no sentido do trágico, caminho da criação, da potencialização do devir e da promoção de uma super abundância de forças de vida, como potencialização do retorno da vontade de viver; a compreensão da vida como perspectivativa, e a disposição experimental perspectivativa para a sua vivência, como raiz da criação do verdadeiro e da humana avaliação.

Certamente que não podemos esquecer a Buber. Buber constitui-se como um nexos fundamental para a compreensão, concepção e prática da Gestalt Terapia, uma vez que foi uma de suas fontes mais básicas. Tanto Fritz quanto Laura, esta em particular, sofreram uma profunda influência de Buber na constituição de suas idéias. Buber sofreu uma marcante influência de Nietzsche, que era uma de suas fontes primordiais, no esforço de revitalização da vida judaica na Alemanha e na Europa, no início do Século XX<sup>10</sup>. A contribuição de Buber para a ontologia dialógica do humano é fundamental para a concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Aparentemente, ainda longe de revelar os seus melhores frutos neste sentido.

<sup>10</sup> GOLOMB, Jacob **Nietzsche and Jewish Culture**. New York, Routledge, 1997.

<sup>11</sup> BUBER, Martin – **ENCONTRO – FRAGMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS**. Petrópolis, Vozes, 1991.

Não parece tematizado, todavia, o caráter experimental imanente à atitude dialógica. Este, não obstante, parece irrecusável, e parece ter marcado profundamente a fundamentação, concepção e método da Gestalt Terapia. Na verdade, para Buber, não só o momento ontológico da relação eu-tu, mas toda a vida humana no mundo e a relação com espiritualidade transcendente, ganham um caráter dialógico e experimental – ... *o simples todo vivido na sua possibilidade do diálogo*<sup>11</sup>. A incorporação de uma atitude afirmativa dos momentos dialógicos da vida implica a afirmação de uma abertura para a revolução experimental da cotidianidade do mundo do *Isso*. A vivência habitual do dialógico, implica uma vulnerabilização da estagnação deste mundo da cotidianidade do *Isso* à transformação emergente da escolha das possibilidades latentes de sua atualização. Entre decurso das coisas e re-volta, a afirmação do o dialógico

e do seu desdobramento configura-se inevitavelmente como transformação experimental, a partir de uma afirmação da concretude da existência.

A entrega à concretude da existência faz parte fundamental da situação hermenêutica da Gestalt Terapia. A Gestalt Terapia configura-se como uma pedagogia do dialógico, que, a partir do privilegiamento de uma entrega à concretude da existência, potencializa a abertura ao dialógico, e à habitualidade da revolução da vida do *Isso* em nossa vida.

A aquiescência dialógica tematizada por Martin Buber<sup>12</sup> parece assim compor, de um modo relevante, também, o sentido do experimental em Gestalt Terapia. A aquiescência afirmativa nos momentos dialógicos permite a auto regeneração e a *re gen era ação* experimental da vida e do mundo que nos dizem respeito, a partir das possibilidades disponibilizadas, e das possibilidades escolhidas, nas nossas determinações.

<sup>12</sup> BUBER, Martin – *Eu e Tu*. São Paulo, 1982. e *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo, Perspectiva, 1985.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin op cit. p.22

Assim, é marcadamente através da contribuição de Buber, também, do privilegiamento das condições de uma atitude experimentalmente dialógica, que se constitui o caráter experimental da Gestalt Terapia, na medida em que os Perls são profundamente influenciados por sua Filosofia do Dialógico.

A Fenomenologia Hermenêutica de Heidegger, ainda que possivelmente não tenha influenciado diretamente o desenvolvimento da concepção da Gestalt Terapia, pode, certamente, oferecer muito boas possibilidades para a compreensão e desdobramento da concepção do caráter experimental da Gestalt Terapia. Em particular, porque esta fenomenologia hermenêutica é um desdobramento do mesmo movimento fenomenológico e hermenêutico que dá origem a Psicologia da Gestalt e ao caráter peculiar da Gestalt Terapia, a tradição fenomenológica de Brentano. Mesmo em *Ser e Tempo*, Heidegger<sup>13</sup> aponta para a possibilidade de uma perspectiva que creio que podemos entender como eminentemente experimental, no sentido em que temos falado, do ser no mundo.

Diferente das, e anteriormente às, possibilidades de uma *analítica da existência*, em particular em Psicologia e Psicoterapia, é o próprio desdobramento imediato das possibilidades da ontológica pré-compreensão do vivido (*ontológico* mas *pré-ontologização*, pré Ontologia num sentido formal, pré analítico, sobretudo), que constitui, como vimos, a *interpretação*

*fenomenológico existencial*<sup>14</sup>, no sentido heideggeriano. *A existência só se resolve existencialmente...* (em particular, não analiticamente...).

<sup>14</sup> HEIDEGGER, Martin op cit. pp. 147-99.

<sup>15</sup> op cit. P.

<sup>16</sup> HEIDEGGER, M. op cit. pp. 54-5.

Ontológica pré ontologização, a afirmação desta interpretação do vivido é, em si mesma, eminentemente experimental:

*El 'ser ahí' se comprende sempre a sí mismo partiendo de su existencia, de una posibilidad de ser él mismo o no él mismo. 15*

*Y el 'ser ahí' es mío en cada caso, a su vez, en uno o otro modo de ser. Se ha decidido ya siempre de alguna manera en qué modo es el ser ahí mío en cada caso. El ente al que en su ser le va este mismo se conduce relativamente a su ser como a su mas peculiar posibilidad. El 'ser ahí' es en cada caso su posibilidad, y no se limita a 'tenerla' como una peculiaridad, a manera de los entes 'ante los ojos'. Y por ser en cada caso el 'ser ahí' esencialmente su posibilidad, puede este ente en su ser 'elegirse' a si mismo, ganarse y también perderse, o no ganarse nunca, o solo 'parece ser' que se gana. Haberse perdido y aún no haberse ganado sólo lo puede en tanto es, por su esencia misma, posible, 'ser ahí' 'proprio', es decir, apropiado por si mismo y para si mismo. 16*

*(O 'ser aí' se compreende sempre a si mesmo partindo de sua existência, de uma possibilidade de ser ou não ser ele mesmo.*

*E o 'ser aí' é meu em cada caso, por seu turno, de um ou outro modo de ser. Se há já decidido sempre de alguma maneira de que forma é meu o ser aí em cada caso. O ente aí ao qual em seu ser dá-se este mesmo conduz-se relativamente a seu ser como com relação a sua mais peculiar possibilidade. O 'ser aí' é em cada caso a sua possibilidade, e não se limita a tê-la como uma peculiaridade, à maneira dos entes 'ante os olhos'. E por ser essencialmente o 'ser aí' a sua possibilidade em cada caso, pode este ente em seu ser 'eleger-se' a si mesmo, ganhar-se e também perder-se, ou não ganhar-se nunca, ou só parecer ser que se ganha. Só pode haver-se perdido e ainda não haver-se ganhado na medida em que é, por sua própria essência, possível, 'ser aí' 'próprio', quer dizer, apropriado por si mesmo e para si mesmo).*

Afirmar esta pré compreensão e, desdobrando-a, interpretar a possibilidade de ser ele mesmo, a ousadia de interpretar-se, “*coragem de ser*”, como concebeu Tillich, podem ser entendidos como a configuração no ser aí da possibilidade de uma hermenêutica *experimental*, no sentido que temos falado. E, aqui, longe de qualquer analítica:

*...el ‘ser ahí’ se comprende en su ser, de un modo más o menos expreso. A este ente lhe és peculiar serle, con su ser y por su ser, abierto éste a él mismo. La comprensión del ser és ella misma una ‘determinación de ser’ del ‘ser ahí’. Lo onticamente señalado del ser ahí reside en que este és ontológico.*

*‘Ser ontológico’ aún no quiere aqui decir desarrollar una ontologia. Si reservamos, por ende, el título de ontologia para el preguntar en forma explicitamente teórica por el sentido de los entes, hay que designar este ‘ser ontológico’ del ‘ser ahí’ como ‘preontológico’. Pero esto no significa tan sólo ser óticamente sino ser en el modo de un comprender el ser.*

(...)

*El ‘ser ahí’ se comprende sempre a sí mismo partiendo de su existencia, de una posibilidad de ser él mismo o no él mismo. Estas posibilidades, o las ha elegido el ‘ser ahí’ mismo, o este ha caído en ellas o crecido en cada caso ya en ellas. La existencia se decide exclusivamente por obra del ‘ser ahí’ mismo del caso en el modo del hacer o el omitir. **La cuestión de la existencia nunca puede liquidarse sino por medio del existir mismo\***. La comprensión de si mismo que lleva la dirección en esto la llamamos ‘existencial’. La cuestión de la existencia es una ‘incumbencia’ ótica del ‘ser ahí’. Para liquidarla no se ha menester de ‘ver a través’ teóricamente de la estructura ontológica de la existencia.”<sup>17</sup>*

\* Grifo nosso,

<sup>17</sup> HEIDEGGER, M. op cit. p 22.

*(...o ‘ser aí’ compreende-se em seu ser, de um modo mais ou menos expreso. É peculiar a este ente ser com o seu ser e por seu ser, aberto este a ele mesmo. A compreensão do ser é ela mesma uma ‘determinação do ser’ do ‘ser aí’. O ontologicamente distinto no ser aí reside no fato de que ele é ontológico.*

*‘Ser ontológico’ ainda não quer aqui dizer desenvolver uma ontologia. Se reservamos este título de ontologia, por fim, para o perguntar em forma explicitamente teórica pelo sentido dos entes, há que designar-se este ‘ser ontológico’ do ‘ser aí’ como ‘pré-*

ontológico'. Mas isto não significa tão somente ser onticamente, mas ser no modo de compreender o ser.

(...)

O 'ser aí' compreende-se sempre a si mesmo partindo de sua existência, de uma possibilidade de ser ou não ser ele mesmo. Estas possibilidades, ou às eleger o próprio 'ser aí', ou nelas caiu ou cresceu já, em cada caso. Decide-se a existência exclusivamente por obra do 'ser aí' mesmo do caso, no modo do fazer ou do omitir. A questão da existência não pode resolver-se senão por meio do próprio existir. A compreensão de si próprio que leva em direção a isto chamamo-la de 'existencial'. A questão da existência é uma 'incumbência' ôntica do 'ser aí'. Para resolvê-la não se há necessidade de 'ver' teoricamente "através" da estrutura ontológica da existência).

De modo que parece claro que Heidegger aponta especificamente as possibilidades existencialmente *experimentais*, no sentido que estamos falando, de uma hermenêutica fenomenológico existencial: Propiciando, assim, interessantes possibilidades para uma contextualização, compreensão, esclarecimento e desdobramento, do sentido especificamente fenomenológico existencial *experimental* da Gestalt Terapia.

*Historicidad quiere decir la 'estructura del ser del gestarse' del ser ahí.. El 'ser ahí' 'es' su pasado en el modo de su ser que, dicho toscamente, 'se gesta' en todo caso de su 'advenir'. El 'ser ahí', en su modo de ser en todo caso, y segun esto también con la comprensión del ser que lhe es inerente, está envuelto en una interpretación tradicional de él y se desenvuelve dentro de ella. Partiendo de ella se comprende inmediatamente y dentro de cierto círculo constantemente. Esta comprensión abre las posibilidades de su ser y las regula. (...)*  
*Esta elemental historicidad del 'ser ahí', puede permanecer oculta a este mismo. Pero también puede descubrirse de cierto modo y experimentar un peculiar cultivo.*<sup>18</sup>

<sup>18</sup> op cit. p.30.

(*Historicidade quer dizer a 'estrutura do ser do gestar-se' do ser aí. O 'ser aí' 'é' seu passado no modo de seu ser que, dito toscamente, 'se gesta' em todo caso de seu 'devenir'. O 'ser aí', em seu modo de ser em todo caso, e segundo isso também com*

*a compreensão do ser que lhe é inerente, está envolto em uma interpretação tradicional dele e dentro dela se desenvolve. Partindo dela compreende-se imediatamente e dentro de certo círculo constantemente. Esta compreensão abre e regula as possibilidades de seu ser. (...) Esta historicidade elementar do 'ser aí' pode permanecer-lhe oculta. Mas pode também ser de certa forma descoberta, e experimentar um cultivo peculiar.).*

Não sabemos se Perls teria tido alguma influência direta da Filosofia de Heidegger, é possível que não. Estas influências, todavia, chegaram-lhe certamente através de Ludwig Binwanger e de Medrard Boss. Mas as concepções heideggerianas, desenvolvidas na mesma tradição da fenomenologia de Brentano, que dão origem à Psicologia da Gestalt, estão de um modo importante nos fundamentos da concepção e do logos metódico da Gestalt Terapia. E certamente oferecem importantes subsídios para o seu esclarecimento e desdobramentos.

Assim sendo, a Gestalt Terapia, tal como formulada por seus pioneiros, é uma tributária emérita de uma certa reconfiguração e recontextualização específicas da concepção do *experimental*, que se constitui a partir das obras de Brentano e de Nietzsche, tendo a Buber e a Heidegger como significativas vertentes. Reconfiguração e recontextualização estas que remontam a Aristóteles, na medida em que Brentano e Nietzsche participam de um movimento de retomada dos Gregos, e em específico de Aristóteles, na busca de uma superação da Escolástica, do hegelianismo e do Idealismo Alemão, que foi própria do ambiente intelectual da Alemanha e da Europa Continental do Século XIX<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> LIBARDI, Massimo *Franz Brentano (1838 – 1917)* in ALBERTAZZI, L. LIBARDI, M. POLI, R. op. cit. pp.25-79.

## **O SENTIDO EXPERIMENTAL DA GESTALTERAPIA EM PERLS**

É de raiz bastante profunda, arraigada e consistente, portanto, o sentido do sentido experimental na fundamentação filosófica, na concepção teórica e método da Gestalt Terapia. E justamente assim, em termos de fundamentação filosófica, de concepção, e de, digamos, método. A Gestalt Terapia fundamenta-se e enraíza-se, desta forma, no leito consistente da

fenomenologia existencial e de uma filosofia da vida, e da existência, eminentemente afirmativa experimental, perspectivativa. A filosofia da vida de Nietzsche e o existencialismo.

Nesta concepção, como vimos, a vida, a própria vida, é compreendida como eminentemente experimental. *O estilo experimental de uma vida que experimenta...* Cumpre-nos aprender, afirmar, e viver este sentido experimental inerente à vida, como forma de afirmação, e de desdobramento, de potencialização, da super abundância de forças do modo de existência artístico de uma vida afirmativa criativa.

Para a teoria da Gestalt Terapia, neste sentido, a própria vivência, o vivido e seus desdobramentos em devir, constituem-se, e afirmam-se, como *dominâncias* organísmicas. Bem nietzscheaneamente<sup>20</sup>, as *dominâncias*, configuram-se, não só como a intrínseca motivação para a ação, no processo do contato/auto regulação/ajustamento criativo, mas, igual e simultaneamente, como fundamento do verdadeiro, e como fundamento ético do que fazer. A vivência, o vivido, eminentemente experimentais, e suscetíveis à afirmação experimentativa, perspectivativa, na ação, no campo organismo-meio, configuram-se no processo do contato no sentido da mobilização da consciência e da ação do organismo no meio, para a efetivação e desdobramento do contato, da auto regulação e do ajustamento criativo. Na perspectiva da Gestalt Terapia, assim como na perspectiva da filosofia da vida de Nietzsche, e do existencialismo, o vivido suas dominâncias e desdobramentos são, assim, reconhecidos como critério ético, e como critério do verdadeiro e do real: ... *o núcleo do real é a ação*<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> MACHADO, Roberto – NIETZSCHE E A VERDADE, Rio: Rocco, 1985.

<sup>21</sup> PERLS, F, HEFFERLINE, R, GOODMAN, PAUL, op.cit. p. 353.

*As dominâncias espontâneas são avaliações do que é importante na ocasião. Elas não são avaliações adequadas, mas são evidências básicas de um tipo de hierarquia de necessidades numa situação atual. Elas não são 'impulsivas' e necessariamente vagas, mas são antes sistemáticas e muito específicas freqüentemente, uma vez que elas expressam a sabedoria do organismo acerca de suas próprias necessidades e uma seleção no ambiente daquilo que satisfaz estas necessidades. Elas fornecem uma ética imediata, não são infalíveis, mas estão, ainda assim, numa posição privilegiada. O privilégio vem simplesmente disto: aquilo que parece espontaneamente importante de fato dirige a maior parte da*

*energia do comportamento; a ação auto regulativa é mais brilhante, mais forte e mais sagaz. Qualquer outra linha de ação que é presumida como “melhor” procederá com força diminuída, com menos motivação e com uma vivência mais confusa; e deve também envolver o devotamento de uma certa quantidade de energia, e a distração de uma certa quantidade de atenção, no sentido de conter o self espontâneo, que busca expressar-se na auto-regulação.*<sup>22</sup>

<sup>22</sup>op.cit. p.321.

<sup>23</sup> op cit. P.325.

<sup>24</sup> p.312.

\* Grifo nosso.

*“Qualquer conjunto ordenado de tais dominâncias em situações atuais é capital para a ética e para a política. (...) a teoria da natureza humana é a ordem da auto-regulação ‘saudável’”.*<sup>23</sup>

A postura de afirmação auto-reguladora do vivido na ação contactante, própria à postura da Gestalt Terapia, funda-se, assim, numa compreensão das dominâncias deste vivido como éticas, como critério do verdadeiro, como guias efetivas na efetivação do contato, na atualização de possibilidades, na auto regulação orgânica e ajustamento criativo de uma existência criativa.

Desta forma, a postura metodológica da Gestalt Terapia orienta-se no sentido simplesmente da potencialização da afirmação experimental, na atualização, das dominâncias do vivido, enquanto tais, no âmbito de uma perspectiva de concepção experimental da própria vida, e da psicoterapia:

*(...) psicoterapia não é a aprendizagem da teoria verdadeira sobre si – como aprender contra a evidência dos próprios sentidos? **A psicoterapia é antes um processo de situações experimentais de vida** que têm um caráter aventureiro como as explorações do obscuro e do desconhecido, que, ainda assim são, ao mesmo tempo, seguras, a ponto de possibilitar que a atitude deliberada possa ser relaxada.*<sup>24\*</sup>

Perls, Hefferline e Goodmann definem a Gestalt Terapia desta forma: *Deveremos argumentar que realidade e valor emergem como resultado da auto-regulação quer seja saudável ou neurótica; e deveremos discutir o problema de como aumentar, no referencial da auto-regulação neurótica, a área de contato. Deveremos*

*responder a isto definindo psicoterapia como auto-regulação em emergências seguras experimentais\*."25*

\* Grifo nosso.

<sup>25</sup> op. cit p.320.

<sup>26</sup> op cit. pp 334-5.

\* Grifo nosso.

<sup>27</sup> Op. Cit. 274.

E, a seguir, observação:

*(...) Vimos razões em todas essas considerações para concentrarmo-nos na estrutura da situação atual como a tarefa do ajustamento criativo; tentar uma síntese inteiramente nova e fazer disto o ponto central da sessão.*

*(...) propomos como estrutura da entrevista: excitar uma emergência segura pela concentração na situação atual (...). Considere uma situação algo como se segue:*

*(...) O paciente, como um parceiro ativo no experimento\* concentra-se sobre o que ele está presentemente sentindo, pensando, fazendo, dizendo (...)*<sup>26</sup>

Perls Hefferline e Goodmann comentam a seguir a insegurança implicada no processo do ajustamento criativo e da auto regulação experimentais, próprios da vida, e o próprio caráter experimental da resolução da insegurança que dele pode decorrer:

*O processo do ajustamento criativo a novos materiais e circunstâncias envolve sempre uma fase de agressão e de destruição, porque é através da abordagem, da apropriação e alteração de velhas estruturas que o dessemelhante é feito semelhante. Quando a nova figura emerge, tanto o velho hábito elaborado pelo organismo contactante quanto o estado anterior do que é abordado são destruídos no interesse do novo contato. Tal destruição do status quo pode gerar medo, interrupção e ansiedade, proporcionalmente maiores à inflexibilidade neurótica da pessoa; **mas o processo é acompanhado pela segurança da nova invenção experimentalmente emergente. Aqui, como em qualquer lugar, a única solução para um problema humano é a invenção experimental.** \*A ansiedade é “tolerada” não por um força espartana – embora a coragem seja uma bela e indispensável virtude – mas porque a energia perturbadora flui para a nova figura.*<sup>27</sup>

## **EXPERIMENTAÇÃO, CONTATO, AUTO REGULAÇÃO, AJUSTAMENTO CRIATIVO**

*Aqui, como em qualquer lugar, a única solução para um problema humano é a invenção experimental.*

**(Fritz Perls)**

A Gestalt Terapia é, assim, congenitamente experimental, no sentido do viés da tradição da experimentação fenomenológico existencial. Este sentido de seu caráter experimental é perfeitamente coerente com a sua concepção da natureza humana, e com as posturas e objetivos de seu logos metódico. Mais que isto, acredito, a Gestalt Terapia, enquanto tal, parece ser neste sentido uma proeminente vertente da fenomenologia existencial hermenêutica, na medida em que tem buscado uma prática efetiva desta, nas situações não raro existencialmente densas da psicoterapia. Neste sentido, acredito que a Gestalt Terapia pode escrever já um capítulo especial.

Evidentemente que se há que considerar a constituição múltipla da Gestalt Terapia, a partir de diferentes fontes. O que, em certos momentos, pode, circunstancialmente, distanciá-la deste seu caráter de hermenêutica fenomenológico existencial experimental. Mas não compromete a adesão de sua fundamentação, de sua concepção e metodologia básicas, a esta perspectiva. Mais que isto, isto aponta para uma necessidade de esclarecimento, de depuração e decantação dos fundamentos da Gestalt Terapia, e mesmo de novos desenvolvimentos, filosóficos, conceituais e metodológicos.

De qualquer forma, na formulação de Perls, é nítido o caráter fenomenológico existencial experimental da Gestalt Terapia.

*Aqui, como em qualquer lugar, a única solução para um problema humano é a invenção experimental.*<sup>28</sup>

<sup>28</sup> op.cit. p.103.

Na medida em que, como observa Heidegger, *a existência só se resolve ekistencialmente*, o *contato*, e, vale dizer, a auto regulação organísmica e o ajustamento criativo, só se resolvem experimentalmente. Em particular porque é na efetivação do contato, efetivamente cultivado, que se resolvem a auto regulação organísmica e o ajustamento criativo.

Isto implica entender que o ser no mundo só se resolve experimentalmente. *Contato* efetivo é o ser no mundo, é o cultivo conseqüente do *cuidado* do ser no mundo (Quattrini). A ato alização do ser no mundo. E cuidar é experimentar. O cuidar é experimental.

Que *descuido* que é o medo, a covardia e a acomodação!

É da condição humana que só existe *cuidado* com a ousadia da ato alização -- que é experimental, na medida em que é ousadia de atualização de possibilidades, que só podem vir a ser por força desta ousadia -- do ser no mundo. Sem uma disposição e uma ato aliz/ação experimentais não existe o cuidado do ser no mundo. E a ato aliz/ação experimental do ser no mundo é a *coragem de ser* (Tillich) aquelas possibilidades de que Heidegger diz

*El 'ser ahí' se comprende siempre a sí mismo partiendo de su existencia, de una posibilidad de ser él mismo o no él mismo.*<sup>29</sup>

<sup>29</sup> *ibid.*

O contato *cuidadoso*, diverso do *descuidado*, implica a interpretação, a hermenêutica, a ato aliz/ação, do ser no mundo, a partir da prepotência e inquietação de suas prementes possibilidades de ser.

De modo que a Gestalt Terapia é a instigação, o cultivo, da experimentação no contato, a potencialização do contato cuidadoso, ativamente hermenêutico. A efetivação do contato, da consciência e da ação criativas, efetivamente *poiéticas*, permite – numa linguagem da Psicologia Organísmica – a auto regulação organísmica nas situações experimentais da terapia, e a potencialização do ajustamento criativo nas relações organismo-meio.

O contato cuidadoso, efetivamente experimental, que atualiza as possibilidades prementes do ser no mundo, é passagem criativa – pela linha de menor resistência, diga-se --, é criatividade, criação, ato aliz/ação de ser no mundo.

### **O EXPERIMENTO GESTÁLTICO**

Desta forma é que a Gestalt Terapia caracteriza-se como uma abordagem eminentemente experimental. O espaço de sua prática, e o seu método, são eminentemente experimentais, num sentido fenomenológico existencial.

Esta perspectiva é que constitui a tradição do *experimento* em Gestalt Terapia.

Em primeiro lugar, é necessário entender, a partir do que temos exposto, que Gestalt Terapia é uma abordagem fenomenológico existencial experimental, e não um abordagem *técnica*. Que não existem *técnicas gestálticas*. Que em Gestalt Terapia não se aplica técnicas.

Como hermenêutica existencial, a Gestalt Terapia não aplica técnicas, mas busca centrar-se na potencialização da própria eventualidade do vivido, no processo do seu acontecer. *A questão da existência só se resolve existencialmente* (Heidegger), de modo que não são os recursos da técnica, alienígenos à natureza própria do vivido, que podem dar resolução à existência. Apenas a própria afirmação experimental da existência pode dar-lhe resolução.

O caráter experimental da vivência da Gestalt Terapia, do *experimento* em Gestalt Terapia, constitui-se intrinsecamente no próprio caráter experimental da afirmação da existência e desdobramento do vivido, em si mesmo, e não a partir da aplicação de técnicas. O experimento nasce necessariamente do próprio vivido. Enquanto que as técnicas lhe são alheias, na medida em que não são adequadas para abordá-lo..

É necessário entender, assim, que a concepção de *experimento* em Gestalt Terapia tem uma ampla e consistente contextualização e fundamentação fenomenológico existencial. Que se assenta numa compreensão experimental da vida, como vida afirmativa, animada por um espírito experimental, que anima uma atitude e um estilo afirmativos experimentais. O estilo experimental é, antes de mais nada, em Gestalt Terapia, uma filosofia da vida, uma atitude afirmativa, decididamente hermenêutica, diante da presença existencial, da potência e inquietação das possibilidades do ser no mundo. É com esta postura que o Gestalt terapeuta recebe e acolhe o cliente. É esta atitude que ele oferece ao cliente como experiência terapêutica.

### **O GRANDE EXPERIMENTO EM GESTALTERAPIA**

No que depender do terapeuta, e no que ele puder mobilizar no cliente, o encontro terapêutico é, todo ele, experimento e experimentação -- no sentido fenomenológico existencial. Com maiores ou menores gradações de concentração. Assim, são experimentais o todo e as partes do encontro terapêutico.

Podemos chamar de *Grande Experimento*, assim, a esta totalidade do encontro terapêutico em Gestalt Terapia, na medida em que ele é um contexto e substrato experimental para o desdobramento experimental da vivência do cliente, a partir das premissas de sua atualidade existencial. Na medida em que todo o espaço e o tempo da sessão estão dedicados a um privilegiamento do vivido, e de seu desdobramento, interpretação, todo o tempo e espaço da sessão constitui o que chamamos de *Grande Experimento*.

Em sendo assim, busca-se uma centração vivencial experimental nas questões da atualidade existencial do cliente, eventualmente críticas. Não, evidentemente, a partir da reflexão, da teorização, da conceituação, da moralização, ou da aplicação de técnicas. Mas, nos melhores momentos, como desdobramento imediato das possibilidades da vivência delas por parte do cliente, como desdobramento – interpretação – das possibilidades de ser do seu vivido imediato – pré reflexivo, pré conceitual.

Nessas condições, fica delicado mesmo falar em *método*. Na medida em que o método é o investimento da sensibilidade, do poder, da habilidade do terapeuta, no sentido de criar com o cliente uma situação fenomenológico existencial hermenêutica experimental, baseada na dialogicidade experimental, que se caracteriza pela afirmação do vivido pessoal e inter-humano entre ele e o cliente. O que demanda o desdobramento do vivido do cliente, na relação com o terapeuta, no âmbito da instituição psicoterapia. Este processo se dá, naturalmente, sem a necessidade de que se recorra a recursos outros que não sejam os recursos humanos expressivos básicos do cliente e do terapeuta. Naturalmente aí entendidos os recursos atitudinais do terapeuta para privilegiar a dialogicidade experimental na relação inter humana com o cliente.

### **O PEQUENO EXPERIMENTO EM GESTALTERAPIA**

Por outro lado, a vivência experimental do cliente, no tempo e no espaço da terapia, pode ensejar a possibilidade de que certos recursos, materiais ou não, possam ser usados no sentido de potencializar a expressividade, a interpretação, e a atualização de possibilidades vivenciais na vivência intrínseca e hermenêutica do cliente.

O terapeuta pode, assim, lançar mão do trabalho com sonhos, da dramatização de situações existenciais carregadas de um sentido crítico para o cliente, de jogos de diálogo, de meios e recursos expressivos, etc., que possam potencializar a vivência, a expressividade e a atualização de possibilidades na vivência do cliente. O uso desses recursos caracteriza o que se pode chamar em Gestalt Terapia de *Pequeno Experimento*.

É importante que fique claro o caráter fenomenológico existencialmente experimental do pequeno experimento. Ele jamais é uma técnica<sup>30</sup>, uma vez que ele brota, necessariamente, da vivência imediata do cliente, configurando-se no seu mais puro sentido como experimentação fenomenológica existencial, na medida em que abre-se para o fluxo espontâneo do desdobramento da vivência do cliente. A técnica, por seu lado, tem uma definição a priori, pressupõe um aplicante definido como técnico, e procedimentos padronizados, bem dentro da referência sujeito-objeto, alheia dialogicidade fenomenológica.

<sup>30</sup> ZINKER, Joseph – **THE CREATIVE PROCESS IN GESTALT THERAPY** New York: The First Vintage Books, 1977.

Caracteristicamente, o pequeno experimento nasce fundamental e necessariamente a partir do *grande* experimento, que constitui-se como vivência do cliente, a partir da premência das questões de sua atualidade existencial, no espaço fenomenológico existencial experimental contextual da sessão e da relação com o terapeuta. Apenas as questões abordadas e desdobradas vivencialmente podem ser enquanto tais objeto do pequeno experimento, que visa então potencializar a sua afirmação e desdobramento.

Na verdade, o pequeno experimento configura-se como uma diferenciação e intensificação de aspectos prementes da vivência espontânea do cliente no âmbito do grande experimento. De modo que diferencia-se afirmativamente, necessariamente, a partir da vivência do cliente, e não se afasta da afirmação do caráter experimental desta vivência.

### **CONCLUSÃO**

O sentido experimental da Gestalt Terapia é, certamente, o seu sentido mais característico e definidor. Não obstante ter sido, e ser, não raro, mal entendido -- a partir de perspectivas de compreensão oriundas dos referenciais da Psicologia Experimental, ou do Comportamentalismo --, o caráter experimental da Gestalt Terapia tem uma definição e uma filiação muito claras e específicas, no seio da perspectiva existencialista de raiz nietzscheana, e no seio da Psicologia Fenomenológica e da Fenomenologia da Tradição de Brentano. É interessante observar, igualmente, o caráter existencialmente experimental da concepção e da natureza da dialogicidade, na perspectiva de M. Buber, que teve uma importante influência sobre a concepção, desenvolvimento e prática da Gestalt Terapia.

Dentro da Tradição da Fenomenologia de Brentano, e no sentido de um esclarecimento e desdobramento da concepção do experimental em

Gestalt Terapia, é igualmente interessante atentar para os desdobramentos da Ontologia Hermenêutica Fenomenológico Existencial de M. Heidegger, na medida em que esta oferece importantes subsídios neste sentido.

A especificidade da contribuição de Franz Brentano constituiu uma concepção da consciência, uma concepção de filosofia e de psicologia fenomenológica, e uma metodologia, da qual é tributária distinta a Psicologia da Gestalt, a concepção do experimental em Gestalt Terapia, e a própria Gestalt Terapia em sua especificidade. Mais que isto, a contribuição de Brentano livrou a Psicologia dos equívocos teóricos e metodológicos da Psicologia Wundtiana, abrindo o caminho para os desdobramentos da filosofia e da psicologia fenomenológica, e fenomenologicamente experimental.

Creemos que a Gestalt Terapia não existiria -- e não existiria, em particular, em seu caráter específica e propriamente experimental -- sem a contribuição da Filosofia da Vida de Frederich Nietzsche. A concepção de uma vida afirmativa, desta filosofia -- “...e eis o que segredou-me a vida, eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente<sup>31</sup> --, a sua atitude de irrestrita afirmação da vida, o seu *amor fati* e o sentido experimental de seu sentido do trágico, o sentido experimental de sua *gaya scienza*, a sua perspectatividade e o perspectivismo de seu caráter experimental, tudo isto faz parte de um modo muito íntimo, específico e intrínseco da fundamentação filosófica, da concepção teórica, e da metodologia, da Gestalt Terapia. De modo que o manancial nietzscheano tem na Gestalt Terapia um tributário muito próprio específico.

<sup>31</sup> NIETZSCHE, Fredrich op.cit,

